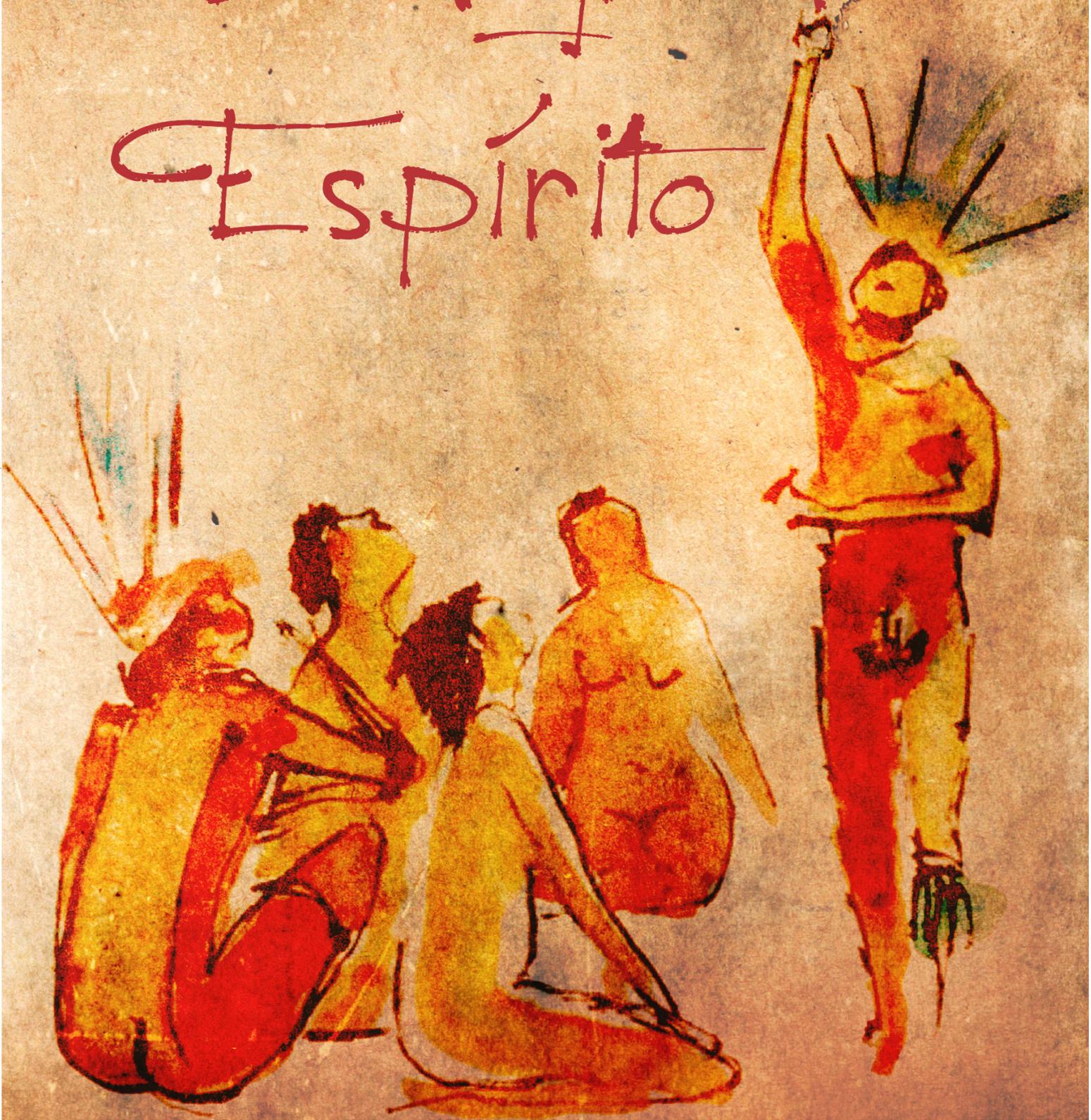


Juracy Marques

Ecologia do
Espírito





**Juracy Marques é
Psicanalista, Pós-
Doutor em
Antropologia (UFBA) e
em Ecologia Humana
(UNL-Portugal).
Atualmente é Professor
Titular da UNEB e
Presidente da
Sociedade Brasileira de
Ecologia Humana
(SABEH).**

Juracy Marques

Ecologia do Espírito

1ª Edição

Petrolina/PE
2016



SABEH

Sociedade Brasileira
de Ecologia Humana



Juracy Marques/2016



Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – Sabeh
<http://www.sabeh.com.br>

Conselho Editorial:

Dr. Juracy Marques dos Santos (PPGECOH/UNEB)
Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)
Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional)
Dr. Martín Boada Jucá – Espanha (UAB)
Dra. Iva Miranda Pires (FCSH-Portugal)
Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB)
Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB)
Dr. Jairton Fraga de Araújo (CAERDES/PPGCOH/UNEB)
Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH)
Dr. Paulo Magalhães - Portugal (QUERCUS)
Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC)
Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Ronaldo Alvim (UNIT-AL)
Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECOH)
Dra. Adriana Cunha – (UNEB/PPGECOH)
Dr. Feliciano de Mira (PPGECOH)
Dr. Ajibola Isau Badiu Nigéria (UNIT-AL)
Dra. Alpina Begossi (UNICAMP)

Revisão:

Edilane Ferreira da Silva

Diagramação:

Ana Paula Arruda

Imagens do livro: Pinturas de Carybé

Capa Fonte: http://linguagemeafins.blogspot.com.br/2016_02_01_archive.html.

Livro Didático, Organizado para a disciplina Teorias da Ecologia Humana, do PPGECOH da UNEB.

Para Robson, a Pequena Semente da nossa família.

Meu amor profundo à sua existência.

M357e

Marques, Juracy.

Ecologia do espírito/Juracy Marques. Paulo Afonso: Editora da SABEH, 2016.
94 p. ; il.

ISBN 978-85-5600-011-8

1. Filosofia e teoria da religião. 2. Antropologia filosófica. 3. Juracy Marques.

I - Título

CDU: 2-1

CDD: 210

O ESPÍRITO E O TEMPO

Belo encontro entre a Existência e a Existência do Espírito. É o tempo do espírito. O momento em que nos vemos espírito nesse tempo que é, antes, o eterno instante, o tempo de agora.

Não há outro tempo senão o presente. Ele é a raiz da eternidade. É neste momento que todo espírito se faz. Os tempos unem os espíritos num só instante. O tempo do espírito é o tempo das novas descobertas sobre questões singulares de nossa estada e permanência no tempo do nosso existir.

Somos, há um só tempo, aquele que existiu e existe no tempo do nosso próprio tempo. Olhemos o mais longe, em tempos outros de nós mesmos, e veremos apenas o nosso tempo presente. Saímos do futuro de um passado que é traduzido no nosso absoluto presente. Nosso espírito habita os tempos, é fluído nele como sopro que anima cada coisa que existe.

Mas há o espírito do tempo. Esse espírito que existe no instante intocável das nossas consciências. Dele devemos ver as raízes das quais nosso tempo, o tempo do nosso espírito, emerge. Não é do pó ao pó, mas do Tempo ao Tempo!

Entendam que a criação é o tempo do Espírito. Luz plena da nossa essência mais singular. Eterno tempo do espírito nos espera, mas nossas caminhadas sobre esses lugares de eterna Luz são nossa forma de caminhar em vidas e vida sempre?

O espírito e o tempo carecem de um olhar profundo da alma para sua compreensão. Não podemos entender essa relação sem que olhemos com os olhos mais profundos de nossas almas.

Eterno é o tempo do espírito como eterno é o Espírito do Tempo: Deus! O Espírito do Tempo; o único Espírito Superior absoluto e intocável na sua plena evidência aos espíritos seus, do Tempo.

Tempo é o que temos à nossa disposição para acordar nossos espíritos. Difícil, para mim, dizer-lhes dessa relação entre o Espírito do Tempo e o tempo do Espírito. Não me é permitido, de todo, falar-lhe, mas, pela beleza do que foi ventilado, tenho a permissão de dizer-lhes que sois o espírito do tempo, mas que o tempo do espírito, a nós, não se revela na sua forma de plenitude. Sentimo-lo pelo caminho do Amor, da Paz, da Fraternidade.

Se nos entendermos como um Espírito do Tempo, enraizado na ínsia, na fenda da origem primordial, veremos e sentiremos o Criador, pela relação que nos espera: ser, no nosso tempo, a descoberta do nosso próprio espírito.

Acordá-lo de sua alma esquecida. Elidir as luzes que o iluminará na sua caminhada de luz até a raiz de onde viemos e onde nos encontraremos com o eterno segredo do Pai!

Antese-se com tua alma a desenrolar na elusão que ocorrerá num tempo que se recorre para além dessa nossa vida, na sua evolução terna e eterna.

Paz plena nas estradas e estrelas do tempo do Espírito.

Psicografia de Frade franciscano

*Nós não somos seres humanos tendo experiências espirituais.
Somos seres espirituais tendo experiências humanas.*

Brian Weiss

Ainda não se descobriu nenhuma raça que não possua o conceito de espíritos¹.

Sigmund Freud

Eu quero conhecer os pensamentos de Deus. O resto é apenas detalhe.

Albert Einstein

*Meu objetivo é simples. É a compreensão completa do Universo, por que ele é
assim e por que existe de uma maneira geral.*

Stephen Hawking

¹ Para Freud os espíritos são projeções dos impulsos emocionais do homem (*Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1996).

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
O ESPÍRITO DA ECOLOGIA.....	19
ECOLOGIA E ESPIRITUALIDADE.....	35
A ECOLOGIA DO ESPÍRITO.....	43
O PARADIGMA INVISÍVEL.....	44
A ECOLOGIA HUMANA E O ESPÍRITO.....	49
AS MONTANHAS, CASA DOS ESPÍRITOS.....	61
A NATUREZA DE DEUS, AS RELIGIÕES E O ESPÍRITO.....	62
ESPIRITOSFERA: O ESPÍRITO COMO ESPÉCIE IMATERIAL DA NATUREZA.....	75
A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO.....	83
BIBLIOGRAFIA.....	89

PREFÁCIO

Quando nossas mentes estão envolvidas na matéria, pensam que a matéria é a única realidade; quando nos retraímos para a consciência imaterial, vemos a matéria com uma máscara, e sentimos que a existência na consciência é a única a ter o toque da realidade. Qual então destas duas é a verdade? Só Deus sabe! Mas, aquele que teve ambas as experiências pode facilmente dizer qual é a condição mais fértil em conhecimentos, a mais potente e de maior felicidade.

Sri Aurobindo

Se nosso objeto é a consciência encarnada, apreciamos uma ecologia do espírito. Juracy Marques nos convida a uma meditação, olhos faiscantes a atuar como acendedores de nossa lamparina interior. Sempre nos desafiando a enfrentar nossos medos de autorevelações, Juracy é um amigo das essências. O que nos importa, essencialmente? Descobrir onde habita nosso espírito, ele diria. E por que você quer saber isso? Primeiro eu quero saber onde, depois saberei por que eu quero saber onde – eis o que ele responde.

A Ecologia do Espírito é uma continuação, compõe uma trilogia – Ecologia da Alma, do Corpo e agora, do Espírito. Sem apontar linearidades cartesianas e previsíveis, as ruminâncias de Juracy apontam para um desembaraço cíclico de questões postas, questões essenciais e potentes da meditação essencial da vida.

Este, a Ecologia do Espírito, começa de modo *sui generis*, com a revelação de uma psicografia a nos desarmar quanto aos limites dos formalismos acadêmicos e ao testemunhar que é possível, sim, dizer o espírito. Escutar-lhe a voz, mesmo em seu sentido fenomênico, diríamos: ôntico. Mas Juracy chega mais próximo mesmo é de uma ontologia. Ele lança mão de um livre pensar acerca do tempo, do espírito do tempo e do tempo do espírito, da criação, da causalidade. Aponta para o estrangulamento da lógica quando uma metafísica ousa desafiar suas zonas fronteiriças, a um passo do mundo espiritual.

Dialogando com autores tão heterodoxos, e bravamente desfilando por entre searas por demais reservadas em circuitos acadêmicos convencionais, Marques vai invocar Amit Goswami e tantos mais que contribuem na conformação de um paradigma invisível.

Do fascínio de Matthew Alper, que quis achar o divino no cérebro dos humanos, escava as perguntas: “Seria Deus uma ilusão cognitiva?” Com outra pergunta, deixa-nos livres para decifrarmos: “Mas a natureza programaria uma espécie, embutindo nela uma mentira? Se chegássemos à conclusão que sim, para quê?”.

Essa me parece ser uma questão central em Ecologia do Espírito. É também uma dessas perguntas culminantes de um devir histórico que fez a ciência retornar de sua alienação espiritual para enfrentar o Espírito com suas ferramentas mais consolidadas: a neurociência, a biologia evolucionária.

De outro lado, uma aventura na antropologia estruturalista está prestes a ser feita, em busca da unidade psíquica do ser humano, quando nosso Juracy visita as noções do Sagrado nos povos tradicionais, seus vários nomes e o seu profundo respeito ao Espírito, sob inúmeras respostas, ancestrais.

E assim, nosso autor nos convoca a alargar o pensamento, explorar antigos possíveis, experimentar o Campo, numa bravura cósmica. E, dessa maneira, permitir que o Espírito fale e se insurja, manso como um Deus, e impiedoso contra as janelas que o querem ferir. Flerta com os ateus e, mesmo, beija-lhes a testa. Nisso, talvez alguns religiosos tenham razão: Deus é misericordioso. Ama quem os odeia. Ele não pode odiar: É Deus. Mas pode, sim, fingir que odeia. E o faz, de modo comovente.

Ao ouvir o xamã Yanomami, Juracy nos leva a vislumbrar o Espírito a dançar livremente com a Natureza, entretecendo-se, entrelaçando-se com ela, brincando com suas formas, em puro deleite. A noção de espírito, aliás, convém dizer, permanece difusa ao longo de todo o livro, perfazendo todo um conjunto de possibilidades de sentido, numa polissemia irrefreável, porquanto atravessada pelos plurais modos de viver o Espírito, nas mais distintas culturas.

Pungente é a denúncia de Juracy, oriunda de seu trabalho de pesquisa junto aos terreiros de candomblé e umbanda, quando certos discursos atribuem transtornos mentais a quem enxerga o invisível. É certo que a cultura medicamentosa rotularia e medicaria esses indivíduos, como se faz amiúde. Entretanto, Juracy nos lembra de quantos adeptos das religiões de matriz africana viram seus transtornos acalmados e estabilizados com o relacionamento cuidadoso com as entidades e potências que os governam. É verdade, Juracy, nossa civilização é órfã quando se trata de feridas da alma.

Por esse sentido, e por tantos outros, que uma Ecologia do Espírito é necessária. É preciso depurar nossas instituições acadêmico-científicas das exitosas e caducas formas de guilhotinas intelectuais, que anestesiam a mente e a entorpecem, obrigando-a a renunciar ao espírito, e mesmo negar-lhe a existência. A Ecologia do Espírito é mesmo essencial em dias tais, quando carecemos dos sentidos que

a carta do universo, de Chardin, oferece em silêncio. Essa carta é, diria Teilhard de Chardin, decifrada detalhadamente pela ciência, que não consegue, em absoluto, explicitar o sentido profundo dessa mensagem de amor que o universo cognoscível emana, de um Espírito que não se dá tão facilmente aos aparelhos cognitivos viciados por uma razão embrutecida, posto que desencarnada e desespiritualizada, a um só tempo.

Que o tempo do espírito desentranhe, afinal, o espírito do tempo.

João José de Santana Borges
Yogue, Prof. da UNEB – DCH – III

O Espírito da Ecologia



O Homem é a mais insana das espécies. Adora um Deus invisível e mata a Natureza visível, sem perceber que a Natureza que ele mata é esse Deus invisível que ele adora.

Hubert Reeves

Kò Si Ewé Kó Si Órisá (Sem Folhas Não Há Orixá).

Saudação do Candomblé

Imagem: Carybé²

² Fonte: <https://www.pinterest.com/ninagazire/motumba/>

O ESPÍRITO DA ECOLOGIA

Do cálice desse reino dos espíritos espuma até ele sua infinitude.

Schiller

Parto da premissa de que a questão religiosa, da qual recorto a dimensão da crença na existência do espírito, está no cerne das questões-chave da Ecologia Humana. Diz-nos o filósofo Matthew Alper (2008): *Sob o problema da existência de Deus pode residir a razão da existência do homem.* Essa inclinação religiosa, como afirma Einstein³, *se encontra na tênue consciência de que toda a natureza, incluindo os seres humanos que nela habitam, de modo algum é um jogo casual, mas uma obra das leis e normas, de que **existe uma causa fundamental para toda existência.***

Qual o nome dessa causa primeva de onde surgiram todas as coisas? Seriam as forças sagradas dos indígenas, os deuses africanos, gregos, egípcios, escandinavos, Alá, Jeová, o Eterno, Cristo, Krishna, Buda? Todos esses sentidos pensados pelos humanos, desde tempos imemoriais, trabalham com a hipótese da *causação descendente*, um princípio que se contrapõe à *causação ascendente*, ou seja, à hipótese

³ In: Chopra (2015).

de que *todas as coisas consistem de partículas elementares de matérias e suas interações* (GOSWAMI, 2015). Para a primeira epistemologia da causa, em que para toda causa há um efeito e para todo efeito há uma causa, há uma Força Superior que criou tudo; na segunda, há uma redução dessa força ao campo específico da matéria. Dois caminhos: ou Deus criou tudo, iniciado pelo nada, ou Deus não criou nada, iniciado pelo tudo.

Penso que a matéria seja como a razão, uma ilusão. Segundo o físico quântico Amit Goswami (2015b), **objetos são ondas de possibilidades antes de os observarmos**⁴. Para ele, a consciência não só altera essas ondas de possibilidades dos objetos, como a onda de possibilidade do cérebro. Não é a realidade em si, como verdade de si, que define a matéria. Entretanto, os conhecimentos produzidos no campo das ciências se estabelecem a partir dessa noção da matéria como uma verdade, tal qual ela se apresenta, incluindo-se a noção de Deus, que, numa perspectiva ascendente, seria: partículas, átomos, moléculas, células (neurônios), órgãos (cérebro) e consciência (Deus). Alper (2008) afirma que *o real nada mais é do que um conjunto de sinais elétricos interpretados por nosso órgão, o cérebro*. Para Edgar Morin (2012), epistemólogo francês, a realidade do espírito humano (mente) *emerge e desenvolve-se na relação entre a atividade cerebral e a cultura*.

Para Kant (1980), é impossível conhecer as coisas em si. Há, para ele, um mundo intangível das coisas em si mesmas. O sentido que desenha o caminho entre a coisa e o saber sobre a coisa é abismal, infinitamente intocável, inviolável. A percepção do real permanece,

⁴ Há uma obcecada perseguição, por parte de céticos e ateístas, na busca da comprovação de fenômenos que provem a imortalidade do espírito. Amit Goswami (2015a), baseado na força da observação, diz que pode ser que o ceticismo e a mente fechada do pesquisador interfiram na intenção consciente e, por isso, a consciência, na presença dessa hostilidade, nem correlacione os paranormais, nem provoque o colapso de possibilidades (quase) idênticas em seus cérebros.

ao humano, como algo da ordem do impossível, à revelia da sofisticação de suas capacidades cognitivas.

Nessa perspectiva, para Alper (2008), Deus é um produto da cognição humana, dos robôs biológicos que somos, e a espiritualidade e religiosidade são características inerentes à nossa espécie, geneticamente herdadas. Afirma: *devemos possuir locais neurofisiológicos de onde vêm nossas percepções, sensações e impulsos espirituais*. Esses locais, onde estão o sentido do sagrado nos nossos cérebros, diz, *emergem como resultado de informações armazenadas em nossos genes, portanto os humanos têm o que podemos chamar de genes espirituais*.

Alper (2008) defende que as recentes descobertas no campo das neurociências sugerem que nossas experiências religiosas, espirituais, místicas não são manifestações de um contato com o divino, mas *uma maneira pela qual nosso cérebro interpreta certos processos neuroquímicos originados geneticamente*. Para ele, Deus nada mais é que uma parte do nosso cérebro. Ao contrário do que pregaram as religiões desde os nascimentos dos mundos, Deus não estava fora. É o próprio corpo do homem, sustenta.

Alper (2008) tenta provar que Deus é uma inscrição no gen humano. A questão aqui é a função disso na nossa genética; sobre quando e porque os humanos passaram a experimentar essas sensações. Uma resposta consensual é de que o temor da morte, a defesa contra esse medo, seja o motor desses fenômenos. Freud (1974), em *O Futuro de uma Ilusão*, destaca o lugar do desamparo e a demanda pela proteção do pai:

As necessidades religiosas e a ânsia pelo pai, derivadas do desamparo da criança, parece-me incontestáveis, principalmente porque esse sentimento não se prolonga apenas pelo tempo da infância, mas é sustentado de modo permanente pelo medo do poder superior do destino. Não consigo pensar em nenhuma necessidade infantil tão forte quanto a necessidade da proteção do pai.

Alper (2008) intui que, brevemente, será criado um campo de conhecimento chamado de genoteologia para desvendar as inscrições, no cérebro, da existência cognitiva de Deus. Profetiza que *está na hora de tirar das mãos de filósofos, metafísicos e teólogos o estudo da espiritualidade e da religiosidade e torná-lo um estudo biológico*. Supõe: *Seria Deus uma ilusão cognitiva?* Com outra pergunta, deixa-nos livres para deciframos: *Mas a natureza programaria uma espécie, embutindo nela uma mentira?* Se chegássemos à conclusão que sim, para quê?

Bem! Quase todos os povos tradicionais (indígenas, pescadores, quilombolas, povos de terreiros, ciganos, etc.) acreditam na existência do espírito fora do campo biológico. Trata-se de uma percepção estruturante de suas identidades, que mobiliza suas ações no mundo. Entretanto, mesmo havendo tratados e leis que protejam essas cosmovisões, como afirma o antropólogo brasileiro João Pacheco⁵, *Deus é um personagem que não existe nos tratados internacionais de proteção às culturas dos povos tradicionais*. Pensamos sobre eles, mas negamos o que eles pensam. Indago-me sobre o sentido de uma Ecologia Humana que exclui esses modelos de interpretação do mundo, da natureza.

Eduardo Viveiros de Castro, no seu prefácio à obra *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami* (2015), de Davi Kopenawa (indígena) e Bruce Albert (antropólogo francês), sobre esse sentido pleno da vida dos povos das florestas, da sensibilidade indígena com a sutileza das forças da natureza, questiona-se: *Mas de que vale tudo isso perante as leis inexoráveis da Economia Mundial e o objetivo supremo do Progresso da Pátria? E ainda se diz que são os índios que creem em coisas impossíveis*.

Castro diz que *A Queda do Céu é uma defesa apaixonada do direito à existência de um povo nativo que vai sendo engolido por uma máquina civilizacional incomensuravelmente mais poderosa; uma contra-antropologia*

⁵ Fala durante a realização do Seminário Internacional do Projeto Nova Cartografia Social, que aconteceu em São Luiz – Maranhão (2016).

arguta e sarcástica dos Brancos, o povo da mercadoria, e de sua relação doentia com a Terra – conformando uma crítica xamânica da economia política da natureza. Ele evoca Bruno Latour para problematizar a crise da ontologia dos Modernos e da catástrofe ambiental planetária a ela associada, quando trata do retorno progressivo às cosmologias antigas e às suas inquietudes, as quais percebemos, subitamente, não serem infundadas.

Davi Kopenawa (2015), na sua narrativa, esclarece que, para seu povo: *Na floresta, a Ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, os xapiri (espíritos), os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! É tudo que veio à existência na floresta.*

Para os Yanomami, alguns animais e plantas são ancestrais dos humanos. Segundo eles, a Terra também tem espírito: *Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira* (KOPENAWA, 2015). Kopenawa diz que *o espírito da floresta são as inumeráveis imagens das árvores, as das folhas que são seus cabelos e as dos cipós. São também as dos animais e dos peixes, das abelhas, dos jabutis, dos lagartos, das minhocas e até dos grandes caracóis* (2015). Para a maioria dos povos indígenas, *o Espírito é uma espécie de consciência que está guardada em algum lugar*, esclarece Samias⁶, xamã do povo Kokama.

A Ecologia Humana, acredito, tem a ver com essas formas de pensamento. Deve incluir esses modelos de percepção dos diferentes grupos humanos sobre seus modos de ligação com a natureza, como podemos ver na descrição de Kopenawa (2015): *Agora dizem que são gente da Ecologia porque estão preocupados, porque sua terra está ficando cada vez mais quente. Somos habitantes da floresta. Nascemos no centro da Ecologia e lá crescemos.*

Mas a questão de fundo é: o que fez nascerem esses modelos de complexas relações na existência, a partir da crença numa força

⁶ Fala durante a realização do Seminário Internacional do Projeto Nova Cartografia Social, que aconteceu em São Luiz – Maranhão (2016).

superior, num Espírito? Destacaria, como primeiras evidências dessa tese, o lugar da morte no processo de estruturação da condição humana, associada às práticas rituais que permitiram, à nossa espécie, perceber, sentir, elaborar, simbolizar suas relações com a dimensão transcendental de onde extraímos a crença na imortalidade do espírito, que acompanha a humanidade desde tempos remotos e permanece até hoje. Apesar disso, as diferentes culturas humanas sempre pensaram suas realidades a partir do dualismo entre o mundo físico e o mundo espiritual. Entretanto, o materialismo, o racionalismo, quase todas as ciências modernas, deram adeus a Deus.

A morte é o menor mistério da vida, embora um dos grandes processos produtores do sentido de nossa humanidade. Todos e tudo morrem, mas a espécie humana é a *única* que sabe sobre sua morte. Essa percepção está na base das mais primitivas religiões. Em algumas culturas, significa a finitude, o término da existência, em outras, é, verdadeiramente, uma passagem para a vida. É o ato para o encontro com o Espírito.

Tudo está, permanentemente, morrendo. A regra da existência é a impermanência. Leonardo Boff, no seu livro *Ecologia, Mundialização e Espiritualidade* (2008), apresenta uma síntese de como está a velocidade do desaparecimento das nossas espécies na Terra: Entre 1500 e 1850, desaparecia uma espécie a cada dez anos. Entre 1850 e 1950, passou a ser de uma espécie por ano. A partir de 1989, uma espécie por dia. No ano 2000, essa perda ocorria a cada hora. Entre 1975 e 2000, desapareceram 20% de todas as espécies de vida.

Numa outra escala, mesmo morrendo, de todas as espécies humanas (*australopithecus, habilis, erectus, neandertais*), só os sapiens encontram-se sobre a Terra. Os *homo sapiens*, nossa condição humana moderna, continuam sua escala crescente na Terra: Em 1700, éramos 0,6 milhões de habitantes; em 1800, 1 bilhão; em 1900, chegamos a 1,75

bilhões; em 1950, passamos para 2,5 bilhões; em 1975, já somávamos 4 bilhões; em 1989, chegamos a 5,2 bilhões; no ano 2000, atingimos o índice de cerca de 6,4 bilhões de habitantes (BOFF, 2008). Hoje, estamos na casa dos 7 bilhões, podendo atingir o número de 9 bilhões de habitantes até 2025.

A comparação entre a morte das espécies e a nossa vida permite inferir que nossa vida na Terra é a condição da morte de todas as outras espécies? Para Leonardo Boff (2008), a *Ecologia quer ser a resposta a essa questão global, de vida e de morte*. Miguel Almir, intelectual da estética, da beleza, na apresentação do livro do querido amigo João Borges, yogue, intitulado *Árvores e Budas* (2015), uma leitura que ascendeu minhas esperanças na Ecologia, escreve:

A Ecologia, em conotação vasta, se apresenta como um horizonte profícuo para a materialização dos valores da espiritualidade na proporção em que co-implica o esforço material, orgânico, político, o simbólico, o energético, a crença na interligação, na sinergia entre todos os seres mediante os desafios dos processos que caracterizo como eco-humanização.

A relação entre ecologia e espiritualidade não é um tema fácil de ser abordado. São tantos matizes que, dependendo de como se costure essa relação, o fosso entre esses dois campos de saberes poderia ficar mais extenso, haja vista abordar uma dimensão profunda da humanidade, as duas, a ecologia e a espiritualidade, banalizadas como sentidos de vida, como éticas, ou mesmo campos epistemológicos na era das ciências modernas. Sobre esse encontro, para não parecer mais uma reza, um apelo, João Borges (2015) vai abordar, a partir do movimento místico-ecológico, ou seja, da Ecologia Mística, a dimensão política dessas interconexões, que traz, como pano de fundo, a crença no engajamento espiritual como uma das potentes formas de salvar o planeta.

São novos ecossistemas que entram em cena, um deles, os sistemas

que ligam a nossa vida à eternidade (ecossistemas de Deus). Trata-se de uma ecologia da imanência e da transcendência, como podemos ver nas preocupações de Georg Feuerstein⁷, no seu livro *Yoga Verde*:

Estamos apelando para todos os praticantes de Yoga para que intensifiquem a sua prática tornando-se viras, ou *beróis*, no velho sentido da palavra, que colocavam o bem-estar dos outros antes do seu conforto consumista e predileções não analisadas. **É chegada a hora de viver o Yoga com o máximo de exuberância e legitimidade que possamos reunir.** Se os praticantes de Yoga não reagirem a esta crise ímpar e perigosa, quem irá fazê-lo? Vamos usar esta crise planetária como uma oportunidade única como indivíduos e como espécie.

Como podemos perceber, há movimentos místicos que colocam a espiritualidade e a ecologia como dois campos conectados para o verdadeiro exercício de uma cidadania planetária radical. A síntese de Borges (2015), em sua obra *Árvores e Budas*, é de que *o misticismo e a espiritualidade indicam um caminho de humanização de uma humanidade que insiste em desumanizar-se.*

João Borges (2015) analisa a mística, no campo das lutas políticas, sem que a alma e o corpo do ser humano sejam embebecidos dos signos da violência, traduzidos como tais. Enlaça a luta ecológica com as forças profundas do amor, da gratidão e do pleno sentido da paz ecológica. A base da estrutura de sua Ecologia Mística é sustentada pelas intrigantes questões: *A religião e seu irracionalismo seriam incompatíveis com a modernidade científica e laica? Como o misticismo ecológico suprirá esse fosso e religará as pontas do conhecimento humano?*

A partir da leitura de *Árvores e Budas* (2015), vi como a certeza, de que a dimensão da espiritualidade seja uma negação do mundo material, é um dos principais equívocos para aqueles que pensam a dimensão política

⁷ In: Borges (2015).

da Ecologia, a partir da qual, supõe-se, a busca do Deus divino fez a humanidade esquecer o Deus terreno. Trata-se de uma dicotomia sutil, mas poderosa para o bem e para o mal. Suas análises nos permitem inferir que a expulsão da dimensão mística foi uma estratégia da igreja para monopolizar os discursos da salvação e que o místico nunca esteve de fora da vida da humanidade embora, em alguns momentos, a rejeição do mundo apareça como um dos pilares de diversos caminhos do misticismo. Entretanto, a dimensão negada pelo misticismo, seja, talvez, o caminho da efetiva eco-humanização. Em tempos das frágeis democracias e da corrosão da dimensão política, o paradigma místico-religioso se apresenta como uma radical e necessária alternativa.

A essência desse paradigma místico-ecológico é muito comum nos processos de lutas de comunidades negras no Brasil. Natanael⁸, pescador quilombola da Ilha da Maré (BA), sugere, para resolvermos as graves questões sobre a ecologia: *precisamos fazer um cordão de consciências e de solidariedades em defesa da natureza*. Outra liderança negra que evoca o sentido da luta dos povos, dos pobres, em defesa da natureza, é D. Nice⁹, quebradeira de coco babaçu: *Muita gente aqui deu a vida para salvar as palmeiras e os campos naturais... Acredito em Deus e nos araxás que nós venceremos*.

Em sua obra, João Borges (2015) faz uma escavação para evidenciar, concordando com o poder político revolucionário do movimento místico-religioso, que, sugere, experimenta, é tocado por uma ética capaz de se sobrepôr às reduções do mundo material e do capital, por enraizar-se à dimensão transcendental e divina da existência. Sobre uma das colunas desse movimento escreve: *Um dos pilares do movimento místico-religioso está na assunção dessa percepção de que, em meio à*

⁸ Entrevista em abril de 2016.

⁹ Fala durante o Seminário Internacional do Projeto Nova Cartografia Social do Brasil (Maranhão, 2016).

diversidade plural e de culturas e religiões, há uma unidade que religa o humano aos outros seres e o planeta que habita (BORGES, 2015).

Aposta-se no cuidado de si e da Terra. Penso que o movimento místico-religioso defende o cuidado de si para a vida nas florestas sociais humanas. Não, essencialmente, a busca pela iluminação nas cavernas e nas montanhas, mas no mundo com suas tensões, com suas cores e sabores. É depois desse momento que se busca os ecossistemas da esferosfera, onde se colhem as folhas sagradas dos sentidos de suas existências como humanos numa dimensão infinita. Esse deslocamento, quando acontece, é potente e transformador. Não se pode viver nele como se vive nas hipócritas relações ecológicas cultivadas no mundo do “capitalismo”.

Destacaria das máscaras do capital a noção de propriedade, espírito do capitalismo. O apego ao que nunca nos pertenceu, o que a justiça nos dá em troca de um símbolo criado pela humanidade, o valor da matéria, é a antítese da espiritualidade. Pensemos: quem foi o primeiro a comprar, com esse símbolo do valor material, a justiça, um pedacinho de terra da Terra? Rousseau (1989), traduz essa forma de apropriação do corpo e espírito da Terra como o nascimento da Sociedade Civil:

O primeiro homem que cercou um pedaço de terra, que veio com a ideia de dizer “isto é meu” e encontrou gente simples o bastante para acreditar nele, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras e assassinatos derivam desse ato! De quanta miséria e horror a raça humana poderia ter sido poupada se alguém simplesmente tivesse arrancado as estacas, enchido os buracos e gritado para seus companheiros: “Não deem ouvidos a este impostor. Estarão perdidos se esquecerem que os frutos da Terra pertencem a todos, e que a terra, ela mesma, não pertence a ninguém”!

Importante percebermos que, ao tratar das religiões, não estou me direcionando apenas às igrejas, mas a seus fundamentos, uma força que domina as consciências e as movem nas direções mais sublimes da nossa sensibilidade, podendo, também, ser a causa das piores tragédias já experimentadas pelos humanos. Como dizia Lacan (2005), não imaginamos quão poderosa é essa força.

Richard Dawkins, um dos cientistas mais renomados do mundo contemporâneo, autor de *Deus, um Delírio* (2007), hoje considerado a bíblia do ateísmo mundial, é combatido, diria mesmo, desprezado, pelos adeptos na crença da existência de um Deus ou deuses, de uma Força Suprema, de uma Consciência Inominável, de Forças Espirituais Imortais. Sou teísta e não o vejo assim. Como também não percebo, na teoria da evolução estruturada por Darwin (2009), uma contradição profunda a essa sensível percepção sobre o mistério de existirmos, assim como todas as coisas do Universo, que também encantaram Einstein (1981), conforme ele escreve: *o que me separa da maioria dos que se autodenominam ateus é um sentimento de absoluta humildade no que se refere aos segredos inacessíveis da harmonia do cosmos*. O próprio Darwin, que experimentou uma vida ao lado do espírito de sua pequena filha falecida, na sua obra *Origem das Espécies* (2009), descreve essa inquietante questão como o *mistério dos mistérios*.

Uma amiga indagou-me sobre o que eu queria saber ainda sobre essa questão. Disse-lhe que queria saber onde ficava o espírito, meu espírito. - Mas para que você quer saber onde fica seu espírito? Como verão nesta obra, conforme respondi-lhe, primeiro eu quero saber onde fica meu espírito, depois é que eu quero saber porque eu quero saber onde fica meu espírito. Como a qualquer humano, seja imortal ou não, isso ainda me toca de sentidos.

Einstein, na obra *Como Vejo o Mundo* (1981), ao tratar da relação entre religião e ciência, questiona-se: *Que sentimentos e condicionamentos levaram*

os homens a pensamentos religiosos e os incitaram a crer, no sentido mais forte da palavra? Judeu, ou seja, membro da raça indestrutível, para recorrer a um modo de nomeação apresentado por Lacan (2005), defende que a Religião Cósmica, onde o ser experimenta o nada das aspirações e vontades humanas, descobre a ordem e a perfeição onde o mundo da natureza corresponde ao mundo do pensamento, é o móvel mais poderoso e generoso da pesquisa científica.

Sabemos do interesse de Einstein pelos fundamentos das religiões. Walter Issacson¹⁰, seu biógrafo, a partir de uma ocasião em que Einstein foi interpelado sobre a existência ou não de Deus, num jantar em Berlim, em 1929, descreve sua resposta a tão curioso questionamento:

Tente desvendar, com os nossos recursos limitados, os segredos da natureza e verá que, por trás de todas as leis e conexões discerníveis, permanece algo sutil, intangível e inexplicável. A veneração por essa força que transcende qualquer coisa que somos capazes de compreender é a minha religião. Nessa medida, posso dizer que sou um religioso.

Dawkins, em *Deus, um Delírio* (2007), descreve Einstein como *um cientista ateu*, mas, sobre a crença em Deus e em Jesus, diz o pai da teoria da relatividade e tantas outras descobertas dos profundos enigmas da Natureza:

Acredito no Deus de Espinoza, que se revela na harmonia ordenada de tudo que existe, mas não em um Deus que se ocupa do destino e das ações da humanidade; sou judeu, mas sou fascinado pela personalidade luminosa do Nazareno. Sem dúvida. Ninguém pode ler os Evangelhos sem sentir a presença real de Jesus. Sua personalidade pulsa em cada palavra. Nenhum mito é imbuído de tanta vida¹¹.

¹⁰ In: Chopra (2015)

¹¹ In: Chopra (2015).

As antíteses aos pensamentos ateístas, como fizeram com Hitchens, Nietzsche, Darcy Ribeiro, Freud, Lacan e tantos outros ateus praticantes, na maioria das vezes, ancoram-se nos seus estágios de morte, na dor que supõem que sentem ao terem que fazer a passagem da existência, e objetivam instituir o lugar de uma nova culpa, como se não bastasse a que herdamos de Eva, a saber, a culpa da morte, já que, do Paraíso, ganhamos, no nosso nascimento, a culpa da vida. Não acho isso ético, nem estético. Sou teísta e penso solidariamente que Dawkins, nas suas militâncias ateístas, denuncia, exatamente, o adoecimento dos fundamentos. E os fundamentos são doentes porque são verdades que não seriam sãs se fossem mentiras. Reafirmo: a religião é uma verdade que exclui outra verdade¹². Quem professa a fé, a crença na imortalidade, deveria se pacificar com esse sentido.

Voltemos à tese apresentada na introdução deste trabalho, de que o espírito está no cerne das questões ecológicas. Meu amigo Geraldo Marques, importante ecólogo humano do Brasil, durante um tempo, monitorou o processo adaptativo e o crescimento populacional da espécie *Fluvicola nengeta*, popularmente conhecida como lavanderia-mascarada. Percebeu, nos seus estudos, que, para a grande maioria da população, tratava-se de uma espécie sagrada, intocável, sob pena de serem amaldiçoados aqueles que a matarem, e que os fundamentos desse sentido foram produzidos por uma narrativa do catolicismo popular cristão, muito forte em todo o Brasil. Só depois dessa revelação é que me dei conta de que, quando criança, eu e minha geração de amigos poderíamos matar qualquer passarinho, mas a lavandeira não, pois ela era sagrada, de Deus.

Diz a lenda: quando Cristo estava sendo perseguido por Herodes, pediu aos passarinhos que não contassem sobre seu caminho

¹² Ecologia da Alma (MARQUES, 2012).

quando fossem interpelados. Triste a sina do bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), que, conta a narrativa, entregou Cristo. Em alguns locais, o canto desse pássaro é visto como sinal de agouro e má sorte. Mas a lavandeira, além de não denunciar Jesus, lavou suas roupas que estavam ensanguentadas. Os indivíduos dessa espécie sempre são visualizados próximo de lagos e rios, ou seja, lavando as roupas com as manchas de sangue de Cristo. Quem se atreveria a matar um bicho tão santo desse?

Geraldo Marques, pastor mormo, sempre curioso aos fenômenos espirituais que rondam o ser humano, tendo desenvolvido trabalhos com o candomblé, umbanda, usos de substâncias de poder em rituais religiosos, como o Santo Daime e a Jurema¹³, entre outros, foi responsável pela estruturação da dimensão simbólico-religiosa no campo da Etnoecologia, haja vista os estudos nesse campo de conhecimento tratem, na maioria dos casos, da relação ser humano-mineral-vegetal-animal. No seu estudo *Percepção do Comportamento Trófico do Sariguê (Didelphis) pelos Moradores Urbanos de Feira de Santana (BA), Brasil*, publicado na Revista *Ecologias Humanas*¹⁴ (2015), da SABEH (Sociedade Brasileira de Ecologia Humana), descreve que os sariguês são animais conhecidos pela sua predileção por sangue e pelos seus atos agressivos com as presas, por esse motivo, geralmente são espancados e mortos. Por ser uma espécie que é vista como algo demoníaco, e não ser uma ararinha azul, um urso panda, um golfinho, uma tartaruguinha, esses animais correm o risco de serem extintos.

¹³ Em diferentes culturas, outras substâncias de poder são utilizadas em rituais mágico-religiosos para acesso ao mundo espiritual: o soma, usado pelos hindus védicos, sementes de ipomeia e mesalina, ingeridas pelos americanos nativos, a hortelã sagrada das misteriosas religiões gregas, o uso de cannabis pelo povo da Cítia, o yagé ou ayahuasca dos povos da selva amazônica e a iboga da África equatorial (ALPER, 2008).

¹⁴ <http://sabeh.com.br/revista/>

A rasga-mortalha (*Tyto fucata*), também conhecida como coruja da torre ou suindara, é uma espécie que tem fama de ser um pássaro que atrai mau agouro. Tem o hábito de nidificar nas torres das igrejas, o que lhe confere um caráter místico. Em muitas regiões do Brasil, sobretudo no Nordeste, seu canto noturno é interpretado, pelos moradores, como anúncio de morte. Essa percepção coloca essa espécie como candidata à extinção nos centros urbanos.

Esses casos, minúsculos recortes de uma complexa realidade, são reveladores de como algo da relação do ser humano com essa dimensão espiritual tem rebatimentos sobre a conservação ou não da biodiversidade. Precisamos acolher, nas reflexões no campo da Ecologia Humana, a noção de espírito. Ao longo da história, quantas coisas desapareceram sob os pés dos fundamentalismos religiosos?

Um indígena que acredita que nas cachoeiras moram seus encantados, seus ancestrais, e outras formas de espíritos da natureza, jamais faria nela uma barragem para geração de energia. Um praticante do candomblé ou da umbanda, para o qual as árvores são sagradas, pois nelas estão os fundamentos dos seus orixás, caboclos e outras entidades ancestrais, jamais as derrubaria para fazer móveis, pastos, para destiná-las às indústrias ou para quaisquer outros fins. Um indiano, da religião hinduísta, não mataria um vaca, por ser, para eles, animais sagrados. Em algumas religiões orientais, evitam-se matar animais por acreditarem em processos reencarnatórios de seus ancestrais nesses seres, como no hinduísmo e no budismo.

Benjamin Grant Purzycki, pesquisador do Centro de Evolução Humana, Cognição e Cultura da Universidade de British, Columbia-Canadá, em seu artigo *The Evolution of Gods' Minds in the Tyva Republic*, publicado na revista *Current Anthropology*, Volume 57, em junho de 2016, analisa alguns dados coletados na república Tyva, interior da Ásia, sobre a percepção do sagrado e suas relações com o campo

da Ecologia. Ele sustenta que pouco se sabe sobre como o conteúdo e a forma das tradições religiosas mudam ao longo do tempo para enfrentar os desafios emergentes dessas comunidades; descreve que a religião pode minimizar os custos incorridos por problemas sociais, bem como ecológicos, e que os principais componentes das tradições religiosas irão evoluir em resposta às pressões dessas mudanças. Aborda, ainda, a relação significativa entre as concepções de mentes dos deuses e a sociabilidade humana, que levam as pessoas a buscarem os estados mentais dos deuses; observa que os modelos de representação das mentes dos deuses vai coevoluir com os problemas sociais locais, inferindo que as religiões, de alguma forma, contribuem para minimizar os problemas sociais e ecológicos. Trata-se de um bom trabalho sobre a relação entre Ecologia e Espiritualidade.

Em todo o Planeta, observamos que a chegada da racionalidade moderna, materialista, juntamente com os fundamentos do capitalismo, produziu uma insensibilidade aos sistemas da Natureza, sobretudo os que mantêm ligações com a dimensão do divino, do sagrado. O Hemisfério Norte, onde está 17% da humanidade e onde vem se fortalecendo a racionalidade ateísta, é responsável por 80% da poluição da Terra (BOFF, 2008), que atinge diretamente o Sul, onde estão os 83% integrantes da comunidade humana do mundo. Não havendo razão sobre a existência ou não de Deus, dos deuses, dos espíritos sagrados, proclamar a hegemonia de uma racionalidade ateísta sob a derrocada da sensibilidade religiosa da humanidade, sobretudo essa que se enraíza à natureza enquanto ente sagrado, não resolveu, em parte alguma do mundo, as questões que interessam ao campo da Ecologia Humana. Adiante, ao contrário do que indica Boff, veremos a análise de Alper (2008) associando grandes problemas civilizacionais de países pobres às suas adesões religiosas.

Paradoxalmente, à revelia do que sustenta os fundamentos de Deus

enquanto Natureza, o triunfo da religião que o representa, nada menos que sempre mais da metade da humanidade em cada era, inclusive na atualidade, não tem se apresentado como uma condição para a garantia da preservação da Natureza, ou seja, do corpo, da escrita de Deus ou dos deuses que professam. A questão seria: Qual o destino da natureza nas mãos dos teístas e dos ateístas? Em qual dessas duas dimensões, Deus, a Natureza, estão mais bem guardados?

ECOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Se a alma pudesse conhecer Deus sem o mundo, o mundo jamais teria sido criado.

Mestre Eckhart

Não há Céu sem Terra. O mundo é o caminho até Deus. Nenhuma alma chegará a Ele sem passar pelos mundos, incluindo-se o nosso Planeta. A Terra é o meio até Deus. *O espírito fez do cosmos seu templo, o lugar de sua atuação e manifestação* (BOFF, 2008).

Estranhamente, nascendo quer das improbabilidades evolutivas, quer da Criação, a Terra virou terra. Um bem natural da Criação tornou-se mercadoria. O Espírito virou matéria.

Sobre os sentidos de Deus, dos deuses, e a Natureza, qual o reflexo dessa percepção, dessas crenças, nas questões ecológicas? Há alguma relação? Leonardo Boff (2008) sustenta que os desafios ecológicos provocam a teologia. Chega mesmo a formular a questão: *até que ponto o próprio cristianismo não é corresponsável pela crise ecológica atual?* Acertadamente, afirma: *As igrejas foram cúmplices da mentalidade que levou à atual crise mundial da biosfera.* Argumenta que toda a teologia produziu um Deus que está no céu, separado da Terra, da vida, do corpo, do sexo, construindo *um Deus desligado do mundo, o que favoreceu o surgimento de um mundo desligado de Deus.*

Chopra (2015) trata de um fenômeno crescente desde os anos 1950, que é a diminuição de fiéis que frequentam igrejas. Segundo ele, uma tendência que começou na Europa Ocidental e nos Estados Unidos e tende a se fortalecer em alguns lugares do mundo. Leonardo Boff (2008), ao contrário, diz que se nota, hoje, um fenômeno universal inquestionável: *o religioso e o místico estão de volta*.

Visualizo que, enquanto os ricos levantam-se dos bancos das igrejas, os pobres tomam assento. Não creio, por exemplo, que entre as 60 pessoas mais ricas do mundo que concentram uma riqueza equivalente à da metade da população pobre do mundo¹⁵, tenha alguém que acredite, verdadeiramente, em Deus. Em países subdesenvolvidos, ou mesmo aqueles que se encontram em vias de desenvolvimento, libertando-se de suas mordanças coloniais, crescem, assustadoramente, as grandes religiões, as verdadeiras e as falsas, as espiritualistas e as materialistas. Essas pessoas, como escreve Boff (2008), são profundamente carentes no plano da subsistência, tem sede de Deus e fome de pão. Durkheim (2003) mostrou que, quando analisarmos as religiões, é importante observarmos que elas não se esgotam na expressão do rito, do culto e da doutrina.

Lacan (2005), o mais elegante dos ateus, anuncia, nos seus discursos aos católicos, que a religião triunfará. Einstein (1981) diz que, *em nossa época, instalada no materialismo, reconhece nos sábios escrupulosamente honestos os únicos espíritos profundamente religiosos*. Nós acusamos a racionalidade, o existencialismo, o mecanicismo e o materialismo modernos como âncoras da derrocada da sensibilidade religiosa na contemporaneidade e, ao que tudo mostra, *os filhos do saber crítico e científico estão se tornando religiosos e místicos*, como sustenta Boff (2008).

Para Herculano Pires (1987), o materialismo, a elaboração mais antagônica

¹⁵ OXFAM (2016).

à existência do espírito, *é uma espécie de flor de estufa, artificial, cultivada em compartimentos de vidro, que isolam a mente da realidade complexa da natureza.*

O que há de religioso na razão? Hegel (1999) afirma que *a razão é espírito quando a certeza de ser toda a realidade se eleva à verdade, e é consciente de si mesmo como de seu mundo e do mundo como de si mesmo.* Leonardo Boff (2008) nos diz que *a religião está fora da razão. Seu lugar é o imaginário, o sentimento e o desejo, fatores que perturbam a razão em sua busca da objetividade.* Pensadores da era moderna, como Augusto Comte, criador da simpática religião positivista, denunciaram as religiões como sendo saberes primitivos, que deveriam ser substituídas por uma percepção mais crítica e científica da realidade. Karl Marx foi taxativo ao situá-la como o ópio do povo. A isso se seguiram as classificações freudianas, como neurose coletiva e ilusão, que desaguaram, na sua interpretação, como psicose. Lacan (2005) anunciou seu triunfo, descreveu seu poder, entretanto, desde Weber (2006) que se supunha, a partir da estruturação do racionalismo moderno, seu desaparecimento causado por fenômenos sociais, como desmagificação e desencantamento do mundo.

Dawkins (2007) dedica algumas páginas de *Deus, um Delírio* ao que considera uma posição ruim, quando cientistas como Copérnico, Kepler, Galileu e Newton associam-se a algum tipo de crença na ideia de Deus, e passa a desfilhar bons elogios ao seu ídolo Charles Darwin que, na juventude, sabe-se, fora bastante religioso. Ele chega mesmo a escrever que a verdadeira escolha é entre Deus e a Seleção Natural¹⁶. Darwin, pai da obra usada para combater a Bíblia e a fé criacionista de qualquer tempo e civilização, *A Origem das Espécies*, escreveu sobre sua posição religiosa: *A impossibilidade de conceber, com nosso eu consciente, este grande e maravilhoso universo como uma obra do acaso, me parece ser o principal argumento a favor da existência de Deus*¹⁷.

¹⁶ In: Chopra (2015).

¹⁷ Idem.

Seria mesmo a Teoria da Evolução das Espécies um dos pilares do ateísmo moderno? Curiosamente, o naturalista Dr. Alfred Russel Wallace, coautor da teoria da Evolução, durante sua vida, tomou partido a favor do espiritismo, chegando a desenvolver estudos nesse campo de conhecimento, como mostram seus trabalhos como membro da Society for Psychical Research - SPR, fundada na Inglaterra, em 1882, tendo como membros correspondentes Sigmund Freud e Carl Jung. Uma de suas teses era de que **a evolução foi deslocada do físico para o plano mental**. Fala dos espíritos com a naturalidade dos que creem: *Nós nos reunimos na espiritualidade com pessoas que já passaram pela morte. O homem do mundo espiritual continua a desenvolver-se, no sentido de ampliar ainda mais suas variedades infinitas, objeto da vida passada na Terra*¹⁸.

Como psicanalista, cheguei mesmo a pensar se tratar do maior delírio humano e, observando as atrocidades cometidas em nome de Deus, nos percursos de todas as civilizações, incluindo a sociedade contemporânea, hoje, estranha-me admiti-la ser um dos únicos lugares da minha esperança na nossa espécie. Permito-me mergulhar em percepções como a de Boff (2008): *A experiência religiosa, com sua expressão cultural, a religião, não é patologia, mas sanidade. Ela é um patrimônio antropológico de base, irredutível a outra experiência mais originária*. Esperanço que as religiões façam a seus adeptos, como respeito à memória de Deus, o que fez Georg Feuerstein no seu livro *Yoga Verde*, na sua convocação místico-política aos yogues do mundo.

A recente Encíclica Laudato Si (LS) – *Lowado Sejas: Sobre o Cuidado da Nossa Casa Comum*, do papa Francisco, de quem sou deveras um intenso admirador, pois sua posição humanista e suas preocupações ecológicas são absolutamente revolucionárias perante a estrutura arcaica e conservadora do Vaticano, reacende a problemática sobre

¹⁸ In: Campos (2016).

qual o lugar da religião nas questões socioambientais. Das questões suscitadas na Encíclica, destaco: *Com que finalidade passamos por este mundo?* A resposta a essa pergunta desdobra a ética profunda do ser. Sabe-se que podemos ter pouco sucesso apelando apenas para que compreendamos a existência de Deus pela razão, deveras não desprezível, mas é no coração, nos sentimentos, na alma, no espírito, que reside essa grande possibilidade. Mesmo racional, é um ato de fé. A opção por uma Ecologia Profunda é um ato de fé.

A fé, diz Tagore (in CHOPRA, 2015), *é o pássaro que pressente a luz e canta quando o alvorecer ainda está na penumbra*. O pastor revolucionário negro, Martin Luther King, grande expoente das lutas humanistas na América do Norte, diz que é quando damos o primeiro passo mesmo quando não vemos a escada inteira¹⁹. Em Hebreus (11,1) encontramos a ideia de fé como *o fundamento do que se espera e a convicção das realidades que não se veem*.

As experiências místicas, espiritualistas, religiosas não devem se bastar em si mesmas. Enquanto houver uma única criança passando fome aos nossos olhos, Deus ou os deuses, a quem professamos, não estarão totalmente entre nós ou nós entre Ele-les. Nesse aspecto, é extremamente sensível e necessário o apelo de Leonardo Boff (2008):

As religiões e as igrejas são chamadas a serem lugares naturais de protesto mundial contra a injustiça das relações internacionais e contra os descabros produzidos pela homogeneização do espaço dos ricos e pela voracidade do capitalismo mundial integrado. Se as igrejas e as religiões se mantiverem cinicamente distantes desse drama, mais preocupadas com sua ordem interna, correm o risco de traiçoeira a natureza da própria experiência religiosa – que é sempre solidária e sedenta de justiça –, de perder

¹⁹ In: Chopra (2015).

credibilidade e desperdiçar a relevância que sempre detiveram na história.

Se assim não o fizer, creio, tenho fé, oro que Assim Seja, caso contrário, como escreveu Hubert Reeves, o homem será a mais insana das espécies, *pois adora um Deus invisível e mata a Natureza visível, sem perceber que a Natureza que ele mata é esse Deus invisível que ele adora.*

A Ecologia do Espírito



Isso não é brincadeira. Descobrir a própria alma sitiada dói.

Soares

A predisposição para a crença religiosa é a força mais complexa e poderosa da mente humana e, com toda probabilidade, uma parte erradicável da natureza humana.

E. O. Wilson

Imagem: Carybé²⁰

²⁰ <http://christiangarciabello.blogspot.com.br/2012/11/carybe-hector-julio-paride-bernabo.html>

A ECOLOGIA DO ESPÍRITO

As árvores são poemas que a Terra escreve para o céu. Nós as derrubamos e as transformamos em papel para registrar todo o nosso vazio.

Khalil Gibran

O que morre quando a morte morre? O que vive quando a vida vive? Por que temos que nos alimentar da morte da existência, quando a existência nos oferece sua vida? Crê-se, vive o Espírito. *Das selvas à civilização, os Espíritos ensinam aos homens que a vida não se encerra no túmulo, como não principia no berço* (PIRES, 1987). Assim, a dimensão humana encerra a morte do corpo e da alma, que mora nele, porém, é o corpo e a alma que habitam o Espírito, o qual permanece após os exemplares viventes de todas as espécies degustarem de sua condição incorporal, defendem muitas religiões. São como borboletas que se descascam de seus casulos; como as letras, parte das inteligências superiores, quando libertam as poesias.

A Ecologia é a defesa da vida em todas as suas formas. O espírito é uma dessas formas? Se não, qual a forma do espírito? No fim último dessa redução, é mesmo o espírito uma estrutura sem forma?

A Ecologia traduz-se como uma leitura da dinâmica dos sistemas do Universo. Teorias recentes sobre o Cosmos, como as que analisa Chopra (2015), *propõem que 4% do universo são compostos de matéria e*

energia mensuráveis. Os outros 96% consistem nas chamadas energia e matéria escuras, que ainda não são bem compreendidas. Elas não podem ser vistas, apenas inferidas.

Inclinados estamos para as dúvidas profundas da alma, sobre a existência ou não das coisas invisíveis, do Espírito, do nosso espírito. Não sabeis se mortal ou imortal, se se finda tudo ou se nos abrimos às mais claras evidências da intemporalidade da temporalidade, na qual o tempo brota como as fontes, como as pétalas, tão material na sua condição de Espírito. Sobre o tempo, há outro tempo dentro do tempo: aquele que não tem localidade. De fato, como dizia Saint-Exupéry, as coisas essenciais são invisíveis aos olhos. De tudo, apenas um ato do átomo faz nascer a extramatéria. O Universo é, pois, a soma dessas qualidades.

O PARADGMA INVISÍVEL

Desisti de ter medo de fazer perguntas, qualquer pergunta.
Goswami

A ciência, na sua performance, explica a origem das partículas, dos átomos, das estrelas, da Terra, da vida, dos humanos. O que se quer mais? O inexplicável! Eis o combustível da ciência. Explicar o inexplicável!

Há fenômenos que permanecem, aos olhos dos paradigmas das ciências modernas, inexplicáveis, base da produção de outros modelos de produção do conhecimento, como faz as religiões e outros campos científicos que fogem à hegemonia dos paradigmas das ciências modernas, racionalistas, mecanicistas, existencialistas.

Por exemplo, diante do fortalecimento da cultura científica moderna, ocidental, a defesa de fenômenos ligados ao campo do divino, da espiritualidade, da mística, diria mesmo, da metafísica, tem sido

indicada como uma das atuações dos processos dissociativos humanos. Receitam, para isso, substâncias como torazine ou outros antipsicóticos. Louco é aquele que vê o invisível. Nossa cultura só nos autoriza a ver o visível.

Eu estive, durante dez anos, escutando pessoas que se converteram ao candomblé e à umbanda no Sertão do Brasil, religiões de matrizes africanas e indígenas. As narrativas poderiam sugerir tratar-se de quadros psicóticos, histéricos. Se tomássemos essa interpretação como verdadeira, poderia ser adotada, como caminho para o cuidado com essas pessoas, a prescrição de antipsicóticos ou isolamento social. Percebe-se, nos casos em que a história de vida das pessoas indicam um certo desajuste psíquico, que a estabilidade emocional veio tão logo se passou a zelar, a cuidar do seus guias, caboclos e orixás. Assim, se nos mantemos nesse campo de análise, que, antecipo, não seja o meu, tão legítimo ou mais legítimo quanto as pílulas são as práticas sociais e religiosas humanas. Não tem contraindicação, a exemplo do desajuste do sistema nervoso central, não causa dependência e nem alimenta uma rede criminosa de fármacos, que lucram com a fabricação da doença. Por vivermos na cultura do visível, temos redes de saúde que cuidam dos cortes do corpo, mas a humanidade está órfã quando marcada pelas feridas da alma.

Em regra, o espírito não existe na qualificação, mas existe na desqualificação. O espírito não existe quando ele é, mas existe quando ele não é: ilusão, psicose, delírio, histeria, alucinação. Importante diferenciar espírito de fantasma, do delírio.

Parte-se da premissa de que são fenômenos que não podem ser verificados pela ciência, por esse tipo de ciência que aí está, pois não se toca na sua materialidade. Alper (2008) vai afirmar que a ciência não pode verificar a mente, mas pode verificar o cérebro. Por dedução, pode-se estudar Deus, pois esse, para ele, é uma parte da

cognição humana, uma fatia do cérebro. O ateísmo seria, então, uma falha da estrutura cerebral?

A tese bioteológica de Alper (2008) é de que *para todos os comportamentos que são universais para uma espécie, devem existir genes que incentivam o desenvolvimento de locais neurofisiológicos de onde esses comportamentos se originam*. Segundo ele, Deus é um desses fenômenos universais da humanidade.

Numa outra direção, o físico quântico Amit Goswami (2015) defende que *é a consciência, e não o cérebro, que organiza os eventos neurológicos em uma singular experiência espiritual*. Não ratifica a tese de Alper (2008), de que Deus e outros comportamentos e percepções humanas sejam fruto de inscrições genéticas. Para ele, *os genes são instruções para formação de proteínas, nada mais*. *Ratifica: não existem genes com talentos especiais que algumas pessoas possam herdar*.

A crença na existência em Deus, ou deuses, está presente em todas as civilizações humanas. Então, é evidente: o homem e a mulher são animais espirituais. Como descreve Jung²¹:

Pelo estudo dos arquétipos do inconsciente coletivo, achamos que o homem possui uma função religiosa e que isso o influencia de uma maneira tão poderosa quanto o faz o instinto da sexualidade e agressão. O homem primitivo ocupa-se com a expressão dessa função, com a formação de símbolos e a criação de uma religião tanto quanto se ocupa com o cultivo da terra, a caça, a pesca e a satisfação de suas outras necessidades básicas.

É possível provar a inexistência do que, supostamente, não existe? A ciência clássica parte do pressuposto de que a existência é atributo, único e exclusivo, do que existe. Só existe a existência. A inexistência não existe. Amit (2015b) vai afirmar que problemas

²¹ In: Alper (2008)

impossíveis requerem soluções impossíveis. De forma bela, escreve: *nossa teoria precisa de outras novas ideias, antes de poder explicar tais casos* (2015a). O paradigma invisível alimenta-se da questão: o inexplicável deve ser negado?

Como a questão deste livro diz respeito às questões das religiões, da fé, da mística, da espiritualidade, precisa-se, para sua análise, de um paradigma que sustente a relação entre a metafísica espiritual e a ciência do mundo material. Para essa integração, como afirma Amit (2015b), você precisa ir além da ciência, além da razão, até os estados superiores de consciência. A Física Quântica é, para ele, uma dessas possibilidades.

Amit (2015a) trabalha com a premissa metafísica de que a consciência, e não a matéria, é a base de toda existência, não sendo mais um epifenômeno do cérebro, transcendendo ao universo material. Sabendo não ser possível abordar essa dimensão com os paradigmas clássicos das ciências, sugere um novo paradigma científico para a natureza da realidade. Diz: *uma ciência baseada na primazia da consciência*. A esse deslocamento estou chamando **paradigma invisível da ciência**. Importante destacar, sobre os que ousaram tocar nesse paradigma no campo das ciências modernas, seus processos de excomunhão: Carlos Castaneda na Antropologia, Carl Jung na Psicanálise, Fritjof Capra na Física, Roy Bhaskar na Filosofia, entre outros.

A nova Física Quântica, diante do desmanche do que é o real, a partir, sobretudo, dos seus experimentos com os grãos de luz (fótons), mostra-nos que a existência, como a supomos, ancora-se na nossa percepção do que é a matéria e a localidade do tempo. A antimatéria e o princípio da não localidade²² (GOSWAMI, 2015) nos põe numa

²² *A não localidade é um desses fenômenos quânticos que representa um papel central em nosso paradigma da realidade. Significa comunicação ou influência sobre a troca de sinais do espaço-tempo – em outras palavras, uma conexão fora deste mundo... A janela não local estará aberta se não estivermos fechados para ela por causa do ego* (GOSWAMI, 2015a).

outra rota de pensamento sobre o que é a existência. É possível, comprovou-se, o deslocamento de um corpo no espaço sem que haja deslocamento. Isso se chama *teoria do campo*. Esse intervalo, que não existe, essa inexistência, é por onde passa, sem passar, os grãos de luz. Talvez esse seja o aspecto mais incrível e radical da dimensão do paradigma científico da invisibilidade. Descreve Amit (2015a): *É possível observar a natureza radical desse salto quântico se o visualizarmos como o elétron que pula de uma órbita superior, em torno do núcleo atômico, para outro inferior, sem viajar pelo espaço entre as órbitas*. O espaço entre uma letra e outra na palavra vazio é um abismo.

Como citado, para Amit (2015a), a substância que forma a realidade, a existência, não é a matéria, mas a consciência. Escreve: *Nós somos essa consciência. Todo o mundo da experiência, inclusive a matéria, é a manifestação material de formas transcendentais de consciência*.

Retomemos a dimensão espiritual. Supondo a existência do espírito, para Kardec (2007), na dimensão do espírito nada é sobrenatural. Nos meus estudos sobre a manifestação espiritual nos terreiros de candomblé e umbanda (MARQUES, 2015), intrigava-me como um arquétipo de um orixá, a manifestação de sua energia, materializava-se em infinitos espaços, em diferentes partes do mundo ao mesmo tempo. A partir dessa teoria do campo, inferi que, pela janela da não localidade do tempo (GOSWWAMI, 2015), esse fenômeno é perfeitamente explicável. Isso só é possível quando nos ancoramos no paradigma da invisibilidade. Nessa encruzilhada de paradigmas, como acentua Morin (2012), *estimo necessário restabelecer a prioridade do cérebro, descartada pelo espiritualismo filosófico, mas estimo também necessário reabilitar a alma, expulsa pelo objetivismo científico*.

No que concerne às questões ecológicas, à natureza, o paradigma que sustenta suas bases analíticas diz respeito às explicações científicas sobre fenômenos naturais, dentro da dimensão espaço-tempo-matéria. Nesse

aspecto, como sustenta Amit (2015b), a dimensão do espírito pertence à *supernatureza*, ao sobrenatural. Para essa questão, o paradigma invisível bebe na acertiva de Amit sobre a necessária ruptura nas ciências que estudam a natureza, pois, como argumenta, para o olhar da Física Quântica, toda tentativa de distinguir natureza e supernatureza perdeu completamente a credibilidade. Afirma: *Caso a ciência deva incluir a Física Quântica, então a natureza precisa incluir o domínio transcendental da potência quântica, o endereço residencial de todas as possibilidades quânticas.*

A ECOLOGIA HUMANA E O ESPÍRITO

A Ecologia Humana deve abarcar essas duas possibilidades de análise. O cacique Afonso Pankararé, em trabalho que desenvolvíamos com seu povo, nomeou, de forma profunda, o que seria esse tipo de pensamento sistêmico: *Ecologia Humana é quando você fala com a Natureza e escuta o Eco dela, a voz dela.* Essa voz é, para os povos indígenas, os espíritos sagrados da natureza, sua alma. Sobre o que vem a ser o Espírito, escreve Leonardo Boff (2008):

Espírito, de que deriva a palavra espiritualidade, é, em seu sentido originário, todo ser que respira. Portanto, é todo ser que vive, como o ser humano, o animal e a planta. Mas não só. A Terra toda e o Universo são vivenciados como portadores de espírito, porque deles vem a vida, e são eles que fornecem todos os elementos para a vida e mantêm todo o movimento criador.

Mas como pensar a conexão entre humanos e espíritos? Como se estabelece esse processo? Conversando com uma yalorixá da Bahia, Mãe Edineuza²³, ela disse que *a conversa como os espíritos é com o bluetooth, é só aproximar que a informação passa do espírito para o médium.* O

²³ Entrevista em 2014.

xamã Simas²⁴, do povo Kokama, que vive no interior da Amazônia, vizinho com a Colômbia, diz que *o contato com o mundo espiritual é como as conversas no Facebook. Mas se esses micro-organismos, também espíritos, se rebelarem poderão formatar toda a natureza, como um computador e nos tirar do mapa.* Simas afirma que o espírito, para o povo Kokama, *é como o vento, um sopro, e que além dos homens, os animais e as plantas também têm espíritos.* Descreve que, em seus trabalhos espirituais, *dependendo da necessidade do seu povo, no mundo dos espíritos acessam tanto pessoas que já morreram quanto as forças da natureza, animais e plantas, que se apresentam ao xamã e falam.* No filme *Avatar* de James Camerom, essa conexão é feita com o cabelo. Em muitos trabalhos mediúnicos que acompanhei, o acesso ao mundo da espiritualidade se dá em camadas vibratórias, conectadas por uma rede como Wifi.

Todo lugar do universo, incluindo-se os lugares mais secretos de nossa alma, é inabitado pelo espírito. Ele o é. Assim, na Ecologia do Espírito, nascimento, desenvolvimento e morte, sublimes camadas da vida de todas as espécies, quer seja de um pássaro, de uma flor, ou mesmo de nós, animais humanos, adquirem um novo estágio: o renascimento. O espírito das espécies é o elemento que muda, mas não se decompõe na interação com bactérias, fungos e outros organismos desmanchadores do corpo. O retorno do espírito nos sistemas da natureza se dará na condição imutável do Espírito que ele nunca deixou de ser, quando nunca foi, é, ao se tornar espírito. O Espírito não habita, ele inabita. Uma coisa que é não pode habitar-se. Durante toda a sua existência o espírito descobre-se

Nosso espírito, ao mesmo tempo em que é espírito, não o é. É Espírito²⁵. Na nossa totalidade como existência, retomando a

²⁴ Entrevista em 2016.

²⁵ Neste livro, Espírito escrito com letra maiúscula refere-se à Força Criadora de todos os outros espíritos, na qual se incluem os humanos.

essência divina da criação, somos parte dessa Unidade. Habitando um corpo na Terra, estamos sujeitos às leis da Natureza, interagimos com elas e nos tornamos a comunicação dessa Essência intermediada pelo corpo através do perispírito, da alma. Como espíritos, somos o que fomos e o que nos tornaremos: Espírito. Para Morin (2012), *espírito é um complexo que comporta o psiquismo*. Aqui, essa abordagem poderá ficar para uma interpretação do que seja alma. Navegaremos na dimensão da transcendência do corpo, portanto, do psiquismo.

A Cabala, parte mística do judaísmo, revela-nos que o passado é o futuro que já aconteceu; e o presente, o passado que irá se realizar. É assim o mistério do Espírito: do que fomos, tudo é e será. Simas (2016), xamã Kokama, fala que a sua bebida sagrada, a ayawashka, permite a conexão com os espíritos e *pode levar a pessoa 1.000 anos para frente ou para trás e lá encontrar com almas e os espíritos da natureza. Quando é alma vê os traços, quando é espírito não*. Percebe-se que o tempo do espírito não é nosso tempo. Ele é não local, portanto, interconecta passado, presente e futuro. Nesse aspecto, é perfeitamente factível prever o futuro, como fazem as cartomantes e adeptos do Yfá no candomblé.

Nenhuma experiência, seja um batimento das asas de uma borboleta, o pipilar de um pássaro, um abraço humano, é da ordem do efêmero. Tudo é da ordem do eterno, como salva a Física, quando descreve a natureza infinita das estruturas indissolúveis dos sons. Cada sentimento, silenciado no espaço mais profundo de nossa alma, manifesta-se para ser eterno. Tudo tem um sentido de permanência, mesmo que impermanente. Para tanto, é preciso que essas experiências transponham a noção de tempo. Há uma comunicação que foge ao tempo. Ela habita a ética das nossas consciências inconscientes.

A epistemologia dessa ecologia das essências das coisas da vida sustenta que, no ambiente, agimos com o espírito. Nas análises

ecológicas, as capacidades dos espíritos não são consideradas. Aqui, o que estamos chamando de Ecologia do Espírito não deve ser confundido com a Ecologia Transcendental, com a Ecologia Metafísica ou com a Ecologia Sobrenatural. Ela é uma ecologia sobre-o-natural. Uma Ecologia inabitada pelo natural por sê-lo.

O que pensamos ser a Ecologia é, antes, obra do espírito humano. A paisagem do universo, criado pelo Grande Espírito é, permanentemente, modificada por sua imagem mais dinâmica: o espírito dos humanos, mais do que o dos minerais, das plantas, dos animais, dos angelicais e dos outros seres e não seres do Cosmos.

Assim, proponho minha questão sobre a existência ou não do espírito e suas relações com a Ecologia. Para milhares de humanos, não há morte, pois, como professam por suas culturas, tradições, costumes, crenças e verdades aceitadas, reveladas, o espírito não morre, somente o corpo, que, em algumas crenças, é trocado, como as cobras trocam a pele, para que se experimente novas existências.

Uma das definições para o que é o humano é que ele é um **espírito imortal** (NOVAES, 2014:90). Sendo assim, o ambiente total da nossa existência, para mim, inclui a Terra, o Universo material e a pátria espiritual de onde ele veio e para onde retornará. Trata-se da noção de uma cidadania do além. Os espíritos são sujeitos de direitos, como a natureza, os animais e as plantas, em algumas culturas. Eu acredito no espírito, mas acredito nas pessoas que não acreditam em espíritos. Meu credo junta a crença e descrença.

Os ecossistemas espirituais também atuam no mundo físico dos humanos. Uma Ecologia Humana Integral não deve partilhar da fragmentação desses mundos (físico e espiritual), não deve tomar verdades terminais que elogiam a matéria e a razão somente,

quando a intenção é a compreensão dos sentidos humanos e suas interconexões complexas com o ambiente. Como escreveu Guimarães Rosa (2006), importante escritor brasileiro, *a natureza da gente não cabe em nenhuma certeza*.

A humanidade, hoje, possui mais de 7 bilhões de habitantes. Desses, 2 bilhões são adeptos do cristianismo, maior religião do mundo, seguida pelos 1,2 bilhão de integrantes do islamismo, a segunda maior comunidade religiosa da Terra, somada aos 330 milhões de budistas, aos mais de 15 milhões de seguidores do judaísmo, que é base do cristianismo e do islamismo (ALOISIO, 2015). Sem contabilizarmos as religiões de matrizes africanas (candomblé, umbanda etc.) e indígenas, o hinduísmo, o espiritismo, entre outras, temos, mais da metade da população do Planeta, tomadas pela crença na existência do espírito, concebendo o ser humano na dimensão da imortalidade. De uma ciência ambiental que estuda a natureza humana urge a necessidade de pensarmos a **Ecologia da Imortalidade**, a **Ecologia do Espírito**, sob pena de concebermos o humano de forma fragmentada, despedaçada.

O que mais me inquieta na Ecologia Humana é a noção reducionista, classificatória e homogeneizante da percepção do que é a espécie humana. Quanto mais estudo, entendo se tratar da espécie mais complexa da Terra. Estranha-me vê-la sendo abordada como uma categoria dada em seu estado de finitude, terminal. Essas abordagens, nem de longe, suportariam inserir a noção de espírito para pensar a essência do Ser, objeto-sujeito, da Ecologia Humana.

Alper (2008) apresenta-nos dados interessantíssimos sobre nações religiosas e não religiosas no mundo: destaca que as 25 nações mais desenvolvidas da Terra, exceto a Irlanda, são tipicamente países não religiosos, enquanto os 50 países com menor IDH possuem baixa incidência de ateísmo. Destaca-se, desses dados, a forte relação

entre pobreza e espiritualidade. Baseado no relatório da ONU sobre a Situação Social Mundial, diz que os 35 países com as mais baixas taxas de analfabetismo entre jovens são altamente religiosos. Sugere a relação entre crença em Deus e baixa escolaridade. Tomando por base diferentes pesquisas sobre esse assunto, continua:

42% dos alemães ocidentais e 72% dos alemães orientais são ateus ou agnósticos; 85% dos suecos, 44% dos ingleses, 65% dos japoneses não acreditam em Deus; 54% dos franceses, 44% dos holandeses são ateus ou agnósticos; enquanto 54% dos israelenses identificam-se como não religiosos; 31% não acreditam em Deus e 6% respondem que não sabem, para um total de 37% de ateus ou agnósticos (ALPER, 2008).

À exceção de Israel, destaca, todos os países com forte tendência para o agnosticismo e ateísmo *são os melhores lugares para se viver em todo o mundo* (APLER, 2008). Reforça que, ao contrário disso, *na maioria dos países do Oriente Médio, da Ásia, da América do Sul e da África, onde menos de 2% das pessoas pertencem às categorias das que não são religiosas ou não acreditam em Deus, a qualidade de vida não é tão boa.*

Recorta, como um fenômeno à parte, o lugar ocupado pelos Estados Unidos, onde 85% dos norte-americanos identificam-se com alguma crença religiosa, 91% acreditam no sobrenatural e 74% numa vida após a morte (ALPER, 2008). Justifica esse fenômeno baseando-se no processo histórico de formação dos Estados Unidos por diferentes povos de base religiosa de diferentes partes do mundo, como judeus, protestantes ingleses, católicos, entre outros.

Em outra nação do norte, a França, onde nasceu o espiritismo, segundo pesquisa publicada pelo *L'Express*²⁶, 25% dos franceses passaram a acreditar em reencarnação e vidas passadas.

²⁶ *L'Express* de 30 de janeiro de 1997.

As religiões do confucionismo, do budismo até o judaísmo e cristianismo, organizam-se, fundamentam-se a partir de uma concepção de mundo, de Universo, de Existência, de Imortalidade, ou seja, têm uma ecologia própria, que orienta seus adeptos a partir do Espírito como verdade. Assim, a complexa geopolítica do mundo atual inclui quase uma bipolarização da dimensão espiritual. Os maiores aglomerados de teístas encontram-se no sul do Planeta e as nações do Norte concentram o maior contingente de ateus e agnósticos. Recentemente, é pauta de grandes debates jurídicos na Europa a atuação do Movimento Europeu contra a Islamização do Ocidente.

A maior crítica direcionada hoje às religiões não se refere mais à natureza histórica ou mesmo psicótica ou aos quadros sociais de alienação, mas à dramática correlação com os grupos fundamentalistas radicais que crescem em todo o mundo. Apesar da monstruosidade desses fenômenos extremos da humanidade, não podemos pensar que os fundamentalismos não tenham fundamentos. Têm, como explica Noam Chomsky²⁷, importante linguista e ativista político norte-americano:

A palavra *terrorismo* tem um significado. Está definido no direito internacional, no código americano, etc. Mas essa não é a definição que podemos usar. Usamos a palavra *terrorismo* numa forma que significa *o seu terrorismo contra nós*, mas *não o nosso terrorismo contra eles...* se olharmos para toda a guerra dita contra o terrorismo, que começou a 15 anos, nessa altura, o que chamávamos de terrorismo, esse terrorismo que nos é vendido, estava limitado a um canto de áreas tribais no Paquistão e no Afeganistão. Agora existe no mundo inteiro. África Ocidental, no sul da Ásia, no Levante, em todo o lado, porque esse é o resultado do terrorismo maciço. Agora olhemos para o Estado Islâmico. Se virmos as análises de peritos americanos, os antigos analistas da CIA sobre o Médio

²⁷ RTP, 2015.

Oriente, pessoas como Graham Fuller, Paul Pillar e outros, eles apontam para o óbvio. Dizem que o Estado Islâmico é um resultado da invasão americana no Iraque. A Invasão Americana no Iraque é certamente o pior crime desse milênio. Matou centenas de milhares de pessoas, com todo o tipo de tortura, terrorismo, destruição, com cerca de quatro milhões de deslocados e dois milhões de refugiados. Isso provocou o conflito sectário que não existia antes. Transformou-se numa grande guerra sectária que está a desfazer o país e a região. Essa interação faz parte do grupo do EIIL, mas há outra. O Estado mais extremo, radical e fundamentalista do mundo é o principal aliado dos EUA, a Arábia Saudita. A sua versão do Irão, a versão Wahabi e Salafita, já é totalmente extrema e também é um estado missionário, por isso exporta a doutrina Wahabi, com financiamento e com a criação de madrassas e escolas do Corão, mesquitas, etc. E isso está espalhada numa boa parte do mundo. O EIIL é uma parte extrema da versão extrema do Islão promulgada pelos principais aliados dos EUA na região, a Arábia Saudita, que também está agora a bombardear o Iémem e a destruir o que resta desse país. Toda esta amálgama criou uma verdadeira monstruosidade. Não há dúvida que o Estado Islâmico é um desenvolvimento horrível, mas tem raízes. Esta não é a história completa. É complicada. Grande parte vem da queda parcial da sociedade tradicional mulçumana e árabe, que é também uma história longa. E também tem elementos imperialistas. Mas a partir disso surge monstruosidades como o EIIL. Não veio do nada.

Sentimos que a humanidade está por um fio. A existência humana é marcada por um nível de estranhamento somente observado em períodos de guerras, em conflitos tribais, em violentos processos de genocídios e outros momentos onde a animalidade da humanidade se manifesta. O que nos estranha é a alma humana, seus gritos. Mas não encontramos valor no psiquismo de uma pessoa comum, a não ser que seu berro crie as feridas que nos assustam tanto na atualidade, a exemplo do terrorismo.

Para Iva Pires (2011), a Ecologia Humana se desenvolve nas lacunas dos conhecimentos interdisciplinares. No fundo, ela atua na transrachadura das fendas do conhecimento, a exemplo, o sentido deixado pela impossibilidade de a razão perceber fenômenos que fogem a ela, mas se manifestam no humano. Um saber que não pode ser capturado senão pela articulação de diferentes campos de saberes. Para tratar do fenômeno das religiões, devemos evocar essa percepção holística do saber.

Seria mesmo um desafio, diante de tantos problemas socioambientais complexos que analisam a Ecologia Humana, tomar a crença ou não da existência do espírito como mais uma de suas epistemologias.

Para uma parte significativa da humanidade, Deus é a força que governa a natureza. Idealizam a natureza como resultado do desenvolvimento de um princípio do qual não temos total consciência. A biodiversidade é parte das pinceladas dessa Força, que escondeu seus mistérios na natureza. Einstein (1981) dizia buscar desvendar esses mistérios. Darwin (2009) a nomeou como o *mistério dos mistérios*. Deus é mesmo esse mistério que nos habita e fascina almas tão especiais como a de Darwin e Einstein. Segundo Boff (2008):

Mistério, portanto, não constitui uma realidade que se opõe ao conhecimento. Pertence ao mistério ser conhecido; mas pertence também ao mistério continuar mistério no conhecimento. Aqui está o paradoxo do mistério. Ele não é o limite da razão. Ao contrário, é o ilimitado da razão.

Do outro lado, temos uma percepção materialista, existencialista, ateuista da vida e todos os seus fenômenos. Nesse universo, uma de suas fendas chamou-me a atenção: importante observar que, na pesquisa desenvolvida pela Pew Research, em 2008, 28% dos

norte-americanos que se caracterizam como ateus acreditam em Deus ou em um espírito universal, 12 % acreditam no céu e 10 % rezam pelo menos uma vez por semana. 75% dos americanos se identificam com alguma religião organizada (CHOPRA, 2015). Mas sou absolutamente de acordo com as primeiras palavras de *Deus, um Delírio*, de Dawkins (2007): *ninguém precisa se desculpar por ser ateu!* Caetano Veloso, na sua canção *Milagres do Povo*, escreve: *Quem é ateu e viu milagres como eu, Sabe que os deuses sem Deus, Não cessam de brotar, nem cansam de esperar.*

O ateísmo é a profanação da não existência? Se não o é, como ateizar a existência? Não, sem o nome de Deus não dizem nada. Se Deus não existe, não há ateísmo. Não sentem a necessidade de dizer nada sobre isso. Nada é o nome dado ao lugar onde tudo se explica. Esse paradoxo é intensificado na análise de Hegel (1999): *Essa crença no nada da necessidade e no mundo ctônico torna-se a crença no céu.*

Seguindo a leitura pelo caminho do espírito, observamos um paradoxo, considerando a escala do crescimento populacional no último século, e um dos enraizamentos desse sentido: a ideia de que a natureza foi feita por essa Força para satisfazer as necessidades humanas. O conselho de Deus dos ju-deus: *Sede férteis e multiplicai-vos! Povoai e sujeitai toda a Terra; Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo animal que rasteja sobre a terra!* (GÊNESIS, 1:27), foi escutado somente pela espécie humana e de uma forma bastante equivocada. Sua obediência a esse pedido colocou em xeque, inclusive, a possibilidade de continuidade de nossa espécie na Terra. Mas se, aqui, estamos analisando nossa espécie como imortal, o drama da nossa existência se reelabora nas significações de novos mundos, de novos ecossistemas. A plataforma de análise para atuação humana passa a ser a eternidade.

Em quase todas as culturas humanas, em que há a manifestação

do sentido de Deus, essa experiência devolve ao sujeito o que há de mais profundo e misterioso na sua origem. Se, para uma parcela da humanidade, teorias como o Evolucionismo traduzem a encantadora percepção sobre o nosso aparecimento na existência, para outras tantas, Deus, Causa Primeira de todas as coisas, Inteligência Suprema do Universo, é experimentado pelo mistério que nos habita, pelo segredo que nos define, pela beleza que nos redime e pelas incertezas que nos movem.

Seguindo outro caminho, plausivelmente interessante, Dawkins (2009), em seu livro *Deus, um Delírio* (2007), considerando a religião como um estado delirante que não se ancora na realidade, convida-nos a imaginar um mundo sem religião. Continua:

Imagine um mundo sem terroristas suicidas, sem os ataques de 11 de Setembro, sem os atentados no metrô de Londres, sem Cruzadas, sem caça às bruxas, sem a conspiração da Pólvora, sem a Partição da Índia, sem conflitos entre israelenses e palestinos, sem massacres de sérvios, croatas, mulçumanos, sem a perseguição dos judeus como assassinos de Cristo, sem conflitos sectários na Irlanda do Norte, sem crimes de honra, sem televangelistas batendo a cadeira dos crédulos... um mundo sem o Talibã para destruir estátuas antigas, sem decapitações públicas de blasfemadores, sem a flagelação da pele de mulheres pelo crime de revelar um centímetro de seu corpo.

Diz sobre Deus: *o personagem mais desagradável de toda a ficção: ciumento, maníaco, mesquinho e injusto; um abusador vingativo, eugenista sedento de sangue; machista, homofóbico, racista, infanticida, genocida, filicida, pestilento, megalomaniaco, sadomasoquista e caprichosamente malévolo* (DAWKINS, 2007).

A ecologia das religiões guarda uma parte profunda da compreensão do sentido humano na Terra. Crente ou descrente, materialista ou espiritualista, teísta ou ateu, mortal ou imortal, não existe o

humano, mas os humanos. A Ecologia Humana não é a ciência que estuda o humano, mas a ciência que estuda os humanos, os que acreditam e os que não acreditam em espíritos.

Nas ideias totalitárias, Deus existe ou Deus não existe. As duas teses não comportam a ideia de Deus que, como princípio, comporta a existência inexistente e a inexistência existente. Negando qualquer fenômeno que compõe uma realidade, a percepção dessa realidade será um total sem sua totalidade. Eis o desafio da Ecologia Humana, que beira o insuportável: a complexa totalidade humana.

Corpos totalitários, almas totalitárias, espíritos totalitários são como as ideologias totalitárias. Negam a partilha em si. Partilham-se. Vivemos um tempo em que se distribui a matéria, mas não se partilha o espírito. A totalidade não é da mesma ordem do totalitarismo. Os fragmentos, as fragmentações são sempre totalitaristas, pois negam a totalidade.

As realidades humanas desses agrupamentos religiosos, a tradução dos sentidos produzidos sobre a Divindade ou divindades, são materializadas em livros que se ancoram como verdades sobre a revelação dos destinos de suas vidas. Para o escritor brasileiro Rubem Alves (2013:16), que considera Deus um Ser da Beleza, essas escrituras sagradas podem ser pensadas como um livro cheio de cacos, no qual estão poemas, estórias, mitos, pitadas de sabedoria, relatos de acontecimentos, poemas eróticos, eventos sangrentos. Para ele, *cada religião é um mosaico, um jeito de juntar cacos*. A religião é uma verdade que exclui outra verdade, repito.

A Ecologia Humana poderia ignorar esse fator e ser apenas um pensamento sobre a relação do humano e de sua natureza finita. A Ecologia da Imortalidade, a Ecologia do Espírito, permaneceria nos porões, nas cavernas mais profundas da complexa experiência humana, sob o cárcere da racionalidade desenhada

pelas revoluções intelectuais do Velho Mundo, alicerçada na era moderna. Diz-nos Morin (2000):

Devemos estar bem conscientes de que, desde o alvorecer da humanidade, encontra-se a noção de noosfera – a esfera das coisas do espírito –, como o surgimento dos mitos, dos deuses, e o extraordinário levante dos seres espirituais impulsionou e arrastou o Homo Sapiens a delírios, massacres, crueldades, adorações, êxtases e sublimidades desconhecidas no mundo animal. Desde então, vivemos em uma selva de mitos que enriquecem as culturas.

AS MONTANHAS, CASA DOS ESPÍRITOS

Meu pensamento sobre a Ecologia era plano, como era também material. Fui tomado de surpresa quando, ao receber a pesquisadora Amazile Lopez, do Rio de Janeiro, na nossa Universidade (UNEB), para realizar estágio pós-doutoral em Ecologia Humana, ela nos apresentou as ecologias dos ambientes de montanhas, lugares onde se manifesta a dimensão sagrada da humanidade em quase todas as civilizações. Para os Yanomami, as montanhas são casas de espíritos (KOPENAWA, 2015).

Moisés, em 1250 antes de Cristo, sobe o Monte Sinai e recebe de Deus os mandamentos que estruturam a fé cristã. Maomé sobe em uma caverna acima de Meca e recebe, do anjo Gabriel, os versos do Corão, base da fé islâmica. Os gregos construíram grandes monumentos para seus deuses nos montes, como o templo de Atenas e de Poseidon. Os Incas, os Astecas e os Maias são civilizações sagradas das montanhas.

As montanhas que ocupam, aproximadamente, a quarta parte da superfície terrestre, sendo responsáveis pelo sustento de quase 12% da população mundial, proporcionando bens e serviços básicos para

mais de 50% da humanidade (NAÇÕES UNIDAS, 2011), são um bom exemplo para percebermos os limites de pensamentos fixos, sólidos e seus necessários deslocamentos.

Retornando à Bíblia, num dos meus trabalhos com o povo indígena Tumbalalá, da região do São Francisco, observei a matriarca do grupo fazer reverência a essas escrituras como algo da ordem do sagrado e, para minha surpresa, escutei do cacique Cícero Tumbalalá a corretiva: *A natureza é o livro sagrado de Deus!*

As montanhas são uma das letras desse livro escrito pelo Grande Espírito. Nesses lugares, deu-se parte dos escritos que estruturam as epistemologias da Ecologia dos Espíritos humanos. Falam da espiritualidade do Espírito.

A NATUREZA DE DEUS, AS RELIGIÕES E O ESPÍRITO

A religião é a fonte de inimagináveis distúrbios e atos insensatos. É a mãe do fanatismo e da discórdia civil. É inimiga da humanidade.

Voltaire

Idealizar a natureza como resultado do desenvolvimento de um princípio do qual não temos consciência material. Qual o lugar dessa tese nos estudos de Ecologia Humana? Deus, os deuses e as religiões, podem ser pauta de investigação da Ecologia Humana?

Iniciemos. Para Freud, pai da Psicanálise, judeu, materialista, ateu, a religião é uma ilusão: *as ideias religiosas são ilusões insuscetíveis de provas* (FREUD, 1974). No seu livro, *O Mal-estar na Civilização* (1976), ele a classifica como um *delírio das massas* que, paradoxalmente, *consegue poupar muitas pessoas de uma neurose individual*. Sobre Deus e o culto à Natureza, ele escreve: *O Deus todo-poderoso e a Natureza bondosa aparece-*

nos como magnas sublimações do pai e da mãe, ou melhor, como reminiscências e restaurações das ideias infantis sobre os mesmos (FREUD, 1976).

Jacques Lacan, outro ícone da Psicanálise mundial, também ateu, educado por padres maristas, nomeia não a eternidade, mas a internidade (extremo do íntimo) e considera as religiões um campo indestrutível do humano, questionando-se: *Em que sentido o monoteísmo interessa Freud? Ele sabe que os deuses são inumeráveis e instáveis como figuras do desejo (2005).* Não se interessa por fazer juízo de valor sobre a percepção de Freud, seu mestre, sobre as religiões. Pondera: *Parece-me de pequena monta recriminar Freud por não acreditar que Deus exista, ou mesmo por acreditar que Deus não exista (2005).* Lembra: *Ele está bem longe de Jung e de sua religiosidade, a qual espanta vermos preferida nos meios católicos, até mesmo protestantes, como se a gnose pagã, ou mesmo uma feitiçaria rústica, pudesse renovar as vias de acesso ao Eterno (2005).* Lacan anuncia que *a religião é inquebrantável e triunfará, acrescentando: É impossível imaginar quão poderosa é a religião (2005).*

Miller (2003), psicanalista francês, comenta a respeito das análises de Freud e Lacan sobre as religiões:

Freud, ao estabelecer a genealogia de Deus, se deteve no Nome-do-Pai. Lacan, por sua vez, perfurou a metáfora até o desejo da mãe e o gozo suplementar da mulher. Disso decorre a noção (...) de que o pai talvez não fosse senão um dos nomes da deusa materna, a Deusa branca, que permanece Outra em seu gozo.

Lacan (2005), tomando uma passagem do Evangelho de São João, a saber, *No Começo era o Verbo*, questiona-se: *Mas antes do começo, onde é que ele estava? É isso que é verdadeiramente impenetrável.* A partir disso que considera impenetrável, o enigma se manifesta quando pensamos o começo do começo, o lugar do Verbo antes de ser Verbo, descreve o humano:

Para esse ser carnal, esse personagem repugnante que é um homem mediano, o drama só começa quando o Verbo está na jogada, quando ele se encarna – como diz a religião, a verdadeira²⁸. É quando o Verbo se encarna que a coisa começa a ir muito mal. Ele não é mais feliz de forma alguma, não se parece mais em nada com um cachorrinho que balança o rabo, tampouco com um valente macaco que se masturba. Não se parece com mais nada. Está devastado pelo Verbo (LACAN, 2005).

Nas linhas das grandes inteligências da Psicanálise, aparece Carl Gustav Jung, teísta, médium, antes, um dos discípulos mais queridos de Freud, até se tornar místico, conforme a sentença da excomunhão perpetrada pelo Pai da Psicanálise. Os fenômenos espirituais e a ideia de Deus sempre acompanharam Jung desde a terna infância: *Eu não acredito em Deus. Eu sei*, afirmou. Ao contrário de Freud e Lacan, interessou-se pelos fenômenos religiosos e suas influências no psiquismo humano. *Todos os dias agradeço a Deus por ter me permitido experimentar a realidade da Imagem divina em mim. Por esse ato de graça, minha vida recebeu significação*, escreveu certa vez a um teólogo²⁹.

Sobre Deus, Princípio Criador, Causa Primeira de Todas as Coisas, Natureza, não se diz nada e de tanto nada dizer, ao silenciarmos, diremos tudo. Acima, Lacan ironiza, escrevendo que foi quando o *Verbo se encarnou que a coisa começa a ir muito mal*. Toca nesta estranha transformação: quando uma parte de Deus virou homem as coisas começaram a se complicar aqui na Terra. Há algo de significativo nesse ponto de ligação entre o Espírito (Deus) e o espírito (homem) a ser pensado pela Ecologia Humana.

²⁸ Lacan (2005) diz que a religião verdadeira é a religião romana, a cristã, porque encontrará uma correspondência de tudo com tudo.

²⁹ In: Boff (2008).

Rubem Alves, no seu livro *Perguntaram-me se Acredito em Deus* (2013), diz que *Deus é como o vento. Sentimos na pele quando ele passa, ouvimos sua música nas folhas das árvores e o seu assobio nas gretas das portas. Mas não sabemos de onde vem nem para onde vai.* Para ele, as religiões são garrafas que tentam aprisionar o vento. Afirma: *Deus nos deu asas. Mas as religiões inventaram gaiolas.*

Nos terreiros de umbanda, os assentamentos para o Orixá Tempo são feitos no vento, comumente representados por lenços brancos a balançar sobre a leveza das brisas. Sabem, não se prende o Tempo, o Vento. Caetano Veloso, cantor brasileiro, escreve uma Oração a essa Força:

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo tempo tempo tempo...

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo...

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo...

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo tempo tempo tempo...

Peço-te o prazer legítimo

E o movimento preciso
Tempo tempo tempo tempo
Quando o tempo for propício
Tempo tempo tempo tempo...

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo tempo tempo tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo tempo tempo tempo...

O que usaremos prá isso
Fica guardado em sigilo
Tempo tempo tempo tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo tempo tempo tempo...

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo tempo tempo tempo
Não serei nem terás sido
Tempo tempo tempo tempo...

Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo tempo tempo tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo tempo tempo tempo...

Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo tempo tempo tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo tempo tempo tempo...

Fernando Pessoa³⁰ traduz um sentimento que tenho sobre Deus:

³⁰ Fragmentos extraídos do livro “Fernando Pessoa – Obra poética II” – Organização: Jane Tutikian – Editora L&PM, Porta Alegre – RS, 2006.

Mas se Deus é as flores e árvores
e os montes e sol e o luar,
então acredito nEle,
então acredito nEle a toda a hora,
e a minha vida é toda uma oração e uma missa,
e uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
e os montes e o luar e o sol,
para que Lhe chamo eu Deus?

[...]

É que Ele quer que eu O conheça
como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-Lhe [...]
obedeço-Lhe a viver, espontaneamente,
como quem abre os olhos e vê,
e chamo-Lhe luar e sol e flores
e árvores e montes

e amo-O sem pensar nEle,
e Penso-O vendo e ouvindo,
e ando com Ele a toda a hora.

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
porque Deus quis que O não conhecêssemos,
por isso Se não nos mostrou...

Sejamos simples e calmos,
como os regatos e árvores,
e Deus amar-nos-á fazendo de nós
belos como as árvores e os regatos,
e um rio aonde ir ter quando acabemos!...

[...]

Da mais alta janela da minha casa
com um lenço branco digo adeus
aos meus versos que para
a humanidade

E não estou alegre e nem triste.
Esse é o destino dos versos [...]

Ide, ide de mim!

Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.

Murcha a flor e o seu pó dura sempre [...]

Passo e fico, como o Universo.

[...]

O Espírito é, para mim, a estrutura invisível de todas as estruturas visíveis e a estrutura visível de todas as estruturas invisíveis. Nossa melhor expressão como existentes; a totalidade da nossa existência. *Espíritos são os sonhos adormecidos da matéria*, nos diz Rubem Alves (2013).

Ao mergulhar na questão *O que é o espírito?*, advirto que sou, antes, a questão dessa questão, não há nenhum outro sentido senão meu próprio sentido. Não há um apelo à ciência moderna que negou a metafísica desde Kant, ou mesmo antes, com Descartes e tantos desdobramentos da racionalidade ocidental, que matou Deus e seus rizomas. Esse esforço intelectual em negar a existência de uma consciência transcendental fez com que, segundo Levinas (1993), importante filósofo do início do século passado, *todo o respeito pelo mistério humano (fosse) denunciado. Falar nobremente sobre o humano do homem, pensar sua humanidade é atrever-se a um discurso insustentável e, como negá-lo?*, questiona-nos Levinas (1993). De alguma forma, também evidencia o fracasso das estruturas científicas que parcializam a compreensão do fenômeno humano.

Essa dimensão tornou o humano fora dele mesmo, expulsou dele um sentido, sua inaturalidade. Levinas (1993) escreve que *não é mais o homem, por vocação própria, que procura ou possui a verdade; é a verdade que suscita e possui o homem*.

Diversas narrativas (KARDEC, 2007; NOVAES, 2004; PIRES, 1987) apontam que o Espírito é anterior ao corpo e à alma. Prescinde deles e não depende deles para existir, mas para evoluir. A alma, a psique humana, o perísperito³¹, em analogia ao perisperma das sementes, é o instrumento do espírito que usa o corpo, particularmente o cérebro, para dar seus passos evolutivos.

³¹ Camada de energia que liga o corpo ao espírito. É a alma do corpo físico (NOVAES, 2004).

O corpo não parece ter sido construído para abrigar um ser espiritual. O cérebro não contempla mecanismos com os quais o Espírito possa manifestar suas potencialidades. A máquina orgânica foi concebida e está sendo estruturada para a vida na matéria, a fim de fazer face aos desafios das condições externas. Tudo no organismo humano, em particular no cérebro, gira em torno da vida material e de atender a respostas, a estímulos oriundos dela. O cérebro foi concebido para regular o corpo a fim de que ele se adapte aos embates físicos. É quimera querer, através dele, explicar o Espírito. Ele é mero reflexo imperfeito e pobre do corpo espiritual. Seu funcionamento e sua estrutura não correspondem nem ao seu molde perispiritual, que dirá ao Espírito (NOVAES, 2004).

Qual o poder do espírito frente ao imperativo da alma? Há antagonismos entre a alma e o espírito? Alma é, de fato, um espírito encarnado? Por que uma força tão sublime como o espírito, se pensarmos a condição humana atual, manifesta-se das formas como a nós se apresentam? Não seria de esperar que a alma trouxesse a poderosa força sagrada, mística, divina do espírito? O perísprito é uma interseção, um meio, para tornar uma coisa suportável à outra?

Da questão 23 (*Que é o Espírito?*) do *Livro dos Espíritos* (2007), decodificado por Allan Kardec, importante pedagogo francês, escrito em 1857, obtém-se a resposta: *é o princípio inteligente do Universo.*

Trata-se de um fenômeno desprezado no campo das ciências modernas, as quais buscam, como condição de verdade, a prova material dos fenômenos imateriais, quando não desqualificados, mas vivificado nas experiências humanas em diversas partes da Terra. *O espírito é a vida ética de um povo* (HEGEL, 1999). A ciência mata o que o povo dá vida, embora também tenha se estruturado na contramão dessas hegemonias acadêmico-científicas as ciências do espírito: O

espírito, enquanto ser que sobrevive à morte, dotado de personalidade singular, se encontra atualmente assumindo sua cidadania nas ciências acadêmicas (NOVAES, 2008).

A noção do Espírito nos faz voltar à questão: É possível imaginarmos uma realidade que exclua a matéria? A psique humana, como a pensamos na Psicologia, na Psiquiatria, na Psicanálise e em outras ciências do gênero, é uma escrita na alma, uma partitura da qual nasce a canção da nossa essência como Ser. Só foi possível criar as ciências da alma porque se estruturou a crença no que não se vê.

As ciências do espírito ancoram-se numa outra noção sobre a linguagem da alma e do corpo. Defendem a existência de uma inteligência anterior: a consciência, na qual, escrevem, Deus guardou as leis do seu segredo, conforme vemos na questão 621 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec (2007).

Adenauer Novaes, em seu livro *Psicologia do Espírito* (2004), descreve que o Espírito não ocupa espaço e vive num tempo eterno, habita existência singular, materializa-se como energia, é de natureza distinta da matéria e, após determinando período de sua evolução, torna-se totalmente consciência, mesmo das coisas inconscientes, não se lembra do seu passado, possui mecanismo de comunicação instantânea (mais rápida que a velocidade da luz), é, em essência, indefinível, não atua diretamente sobre a matéria, precisando fazer uso da alma (períspírito) para isso. Também afirma que o Espírito é anterior ao corpo e à alma, não tem iguais, é indivisível, está em constante evolução, estranhamente não está pronto, foi criado simples e ignorante, obedece ao princípio do livre-arbítrio, age sobre o mundo, organiza os pensamentos, **está presente em todos os seres da Natureza**, não adoece, não tem sexo, evolui pelo trabalho individual e pelo esforço coletivo, assim como pelo impositivo divino em si mesmo.

Para Hegel (1999), *o espírito é a substância e a essência universal, igual a si mesmo e permanente: o inabalável e o irreduzível fundamento e ponto de partida do agir de todos, se um fim e sua meta, como o Em-si pensado que toca a consciência de-si.*

Há sistemas que governam os ventos, as folhas, a mente. São sistemas invisíveis. São espíritos. Espíritos são inteligências invisíveis. São estruturas e sistemas que governam o tempo e o espaço.

Nos primórdios da evolução, o espírito habitava as formas primitivas da natureza. Estava acoplado à dimensão mineral. Desloca-se, então, para as formas vegetais, dá passos em direção ao animal e chega, finalmente, à sua condição humana. Essa é uma percepção da corrente espírita. Há uma plasticidade mimética entre a teoria evolutiva do corpo e essa análise sobre a evolução espiritual. Assim, a história da humanidade é, para Novaes (2004), a história da evolução do Espírito, a força que molda a Terra. Estranho que pensemos que o humano seja a grande meta do Espírito.

Desde pequeno, na minha também pequena cidade no interior do sertão do Brasil, Jaguarari-Ba, tive meus pensamentos povoados pelas lembranças de almas, espíritos, algo que vivia nas matas, nas ruas, nas noites, mas que não tinha existência material. Pelo caminho dos meus medos, dei-lhes rostos, poderes, corpos, histórias.

Lembro-me de um episódio em que, aos seis anos de idade, minha mãe, indo participar de uma mesa para receber espíritos de mortos, já que os vivos também têm espíritos, deixou-me a brincar na rua com outras crianças. Tamanha minha curiosidade e, tomado por ela, escondi-me debaixo da mesa, quando ninguém havia sentado ainda. Minha prima, a médium da casa, também yalorixá, depois de orações que abriam as conexões com o mundo dos mortos, recebeu o espírito do pai de uma das presentes. Lembro-me do

estalar dos ossos do corpo da minha prima, que se emprestava ao morto, dos gemidos, dos choros e comoção dos presentes. Lembrome do acelerado batimento do meu coração. Estava na escuridão, desesperado, com medo, ouvindo um espírito falar sobre como estava no outro mundo. Estava, pela primeira vez, frente ao espírito, em estado de silêncio perante sua voz.

Desde que corri ao mundo pelo campo das ciências, eis-me, ainda, em estado de silêncio sobre o fenômeno do espírito. Este texto é, antes, um elogio à palavra que há décadas adormece em estado de silêncio em minha alma: *espírito*.

Hegel (1999) fala sobre ele a partir do *zeitgeist* alemão, o espírito do tempo. Eu, das terras que, ao contrário do que profetizou Max Weber (2006), são marcadas pelo encanto e pela magia. Estamos na periferia, na transrachadura da razão. Esse lugar, dantes, colônia epistemológica dos nortes, livre está no sul para ser Sul, onde, desde as Américas, passando pela África e Ásia, o espírito é marca constitutiva das relações que as pessoas estabelecem com suas existências, com a natureza, com o mundo.

Não canso de me lembrar das noites em que via, na cozinha da minha casa ou de conhecidos da minha cidade, rodas repletas de espíritos in-corporados, en-carnados. Só na vida adulta vim entender se tratar do candomblé e da umbanda, religiões de matrizes africanas e indígenas, que cultuam as forças da natureza como algo sagrado. Acolhido pelos povos indígenas da Bacia do São Francisco, onde fiz minha tese, a vida dos espíritos que me foi permitido ver deslocou minha percepção sobre a dimensão da natureza da matéria: rios, árvores, pássaros são, antes, seres sagrados, espíritos.

No meu doutorado estudei os impactos das hidrelétricas sobre os povos indígenas da Bacia do São Francisco. Descrevi, a partir das

falas dos indígenas que entrevistei, que todas as cachoeiras, como relatam, locais sagrados onde viviam os encantados, os espíritos de seus ancestrais, foram destruídas para implantação de uma cortina de cimento. Sustentei que, além da mensuração e valoração no campo jurídico-formal da dimensão material, a destruição da vida dos espíritos tinha que ser pensada na estrutura do direito. A tese defendida aqui é que os espíritos também são sujeitos de direitos.

Nas religiões de matrizes africanas, os orixás, forças sagradas cultuadas, são espíritos da natureza, por exemplo, Oxossi é a força das matas; Oxum, dos rios de água doce; Yemanjá, a poderosa força do mar; Iansã, a manifestação dos raios e dos ventos; Xangô, o deus do fogo e das pedras, entre outros. Nas tradições indígenas, cultuam-se os encantados, também espíritos sagrados da natureza. Não dá para compreender a dinâmica ecológica desses grupos sem passar pela dimensão da espiritualidade.

Na minha adolescência, resolvi ser padre. Comecei como coroinha. Estava convencido da imortalidade da alma. Conversava com o Espírito de Deus, de Cristo e com o Espírito Santo. Nas minhas orações, levava meus pensamentos ao espírito de Maria e, nas aflições, rogava pela força de Joana D'Arc, espíritos dos quais não me passava, em nenhum momento, falha sob sua concreta existência. Meu espírito retornaria ao Espírito do Criador, sentia.

Já adulto, segui outro caminho. Descobri a Filosofia, a Antropologia, a Psicanálise. Tornei-me psicanalista, agnóstico. O fenômeno da existência do espírito tomei como histeria coletiva, ilusão e psicose, tal qual nos ensinam algumas correntes clássicas da psicanálise. Jung, que foi por outros caminhos interpretativos, bani-o dos meus olhos. Era, como aprendi, um desertor, um traidor da teoria-mãe sobre as explicações da psique humana. Além de crer na existência dos espíritos, ele os via, os recebia. Era um médium traduzido, em alguns ciclos, como psicótico.

Já com um pé firme na Antropologia, na qual pude fazer um doutorado e pós-doutorado, e depois de tantos trabalhos com rituais indígenas e de povos de matrizes africanas, tornou-se cotidiano ver os espíritos incorporados em diversos momentos das vidas dessas comunidades, como eram as rodas de candomblé e umbanda da minha infância. Movia-me pela pergunta: Quem eram aqueles espíritos? Mais que essa: Onde eles moravam? Como ecólogo, minha opção política, tamanha é a minha surpresa em entender que aquelas manifestações espirituais eram a Natureza e moravam na Natureza! Encantados e Orixás são espíritos sagrados da natureza, que vivem na natureza! Voltei, depois do esquecimento, aos espíritos. Dei-lhes voz que, inclusive, passeavam sobre o meu corpo.

São estruturas feitas de-lírios. Se a ciência não for capaz de imergir nesses fenômenos sem os conceitos e pré-conceitos forjados em mundos que jamais tocaram na força desses mistérios, que, ao menos, como se reconhece a legitimidade de neurolépticos, dos medicamentos da poderosa indústria das doenças da alma, a maioria delas fabricadas, consideremos o poder curativo das tradições e culturas, por esse prisma, promotoras de estabilidades das estruturas psíquicas.

Num culto protestante, após a certeza, para os filiados àquela coletividade, da chegada do Espírito Santo, numa pregação emocionante, o orador lembrou que a natureza fora criada pela Natureza da Palavra. A natureza era e foi criada pelo Espírito. Até aqui, foi uma pregação memorável.

Tristemente, o restante do culto foi para atacar os ritos das religiões de matrizes africanas, os feitiços, as macumbas. São identidades que se sustentam pela negação de suas antíteses imaginárias, nas quais o mal do meu bem é o bem do que suponho mal. Deus é esse bem e esse mal.

Retomo a fala do cacique Cícero Tumbalalá, ao questionar se a Bíblia

era o livro de Deus: *a natureza é o livro sagrado de Deus*. Descortinou-se, para mim, o que seria, creio, o livro que passaria a ler como sendo a morada da Ecologia Profunda. As leis da natureza eram, desde então, as letras enigmáticas desse livro sagrado, que se lê pelos passos do espírito. O desafio axiomático das religiões no mundo reside nesse desencontro sobre o sentido de Deus que, supõe-se, somente se revela à minha verdade.

Hoje, com a mesma curiosidade infantil, retomo minhas inquietações sobre a relação que nós, humanos, estabelecemos com os espíritos, qualquer que seja a interpretação que venhamos a construir a respeito da existência ou não deles. Mesmo a negação deles fala de suas existências. Como relatei, desde criança, sem existir, os espíritos existiam para mim.

ESPIRITOSFERA:
O ESPÍRITO COMO ESPÉCIA IMATERIAL DA NATUREZA

O Espírito se derrama sobre toda carne.

Pires

Imaterial não é o termo apropriado; incorpóreo, seria mais exato, pois debes compreender que, sendo uma criação, o espírito deve ser alguma coisa.

Kardec

É mais fácil conhecer nosso espírito que nosso corpo.

Descartes

Podemos permanecer no campo de percepção que separa o que é concreto, sólido, material, e o que se configura como algo abstrato, virtual, invisível, imaterial. Assim, continuaremos com uma visão esquartejada do fenômeno humano. A totalidade da existência

nos permite, também, inferir ser o espírito uma das espécies da Natureza (única da condição imaterial); ratificar as bases de uma Ecologia do Espírito. Capra (1996), físico austríaco, corrobora com essa delimitação analítica:

A percepção da Ecologia Profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem a percepção de pertinência, de conexidade, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção é espiritual ecológica na sua essência mais profunda.

Assim como nos remetemos, nos estudos ecológicos clássicos, à biosfera, na perspectiva da Ecologia do Espírito devemos estar imersos nas interações que se estabelecem na Psicofera, esfera do psiquismo nomeada pelo espírito André Luiz, mentor de Chico Xavier³², o mais importante médium brasileiro.

A Ecologia do Espírito propõe como campo de análise as interações que se estabelecem no campo da esferosfera, ou mais simplesmente, a esfera dos espíritos, que inclui os humanos vivos e os *não vivos*, na condição de espíritos, o que também pressupõe a crença na existência desse sentido de existência e na capacidade de atuação do imaterial sobre o material e vice-versa. Trata-se da luta para preservar a espécie *espírito* nos debates ecológicos. Leva e traz a dimensão de uma cidadania cósmica para e do além. Pensa-se o corpo situado nos espaços do infinito. Essa percepção ocupa-se do sentido dos nossos destinos na eternidade. Apesar de hoje sermos mais de 7 bilhões de habitantes, segundo estimativa apresentada por André Trigueiro, no seu livro *Ecologia e Espiritismo* (2009), por aqui, desde o aparecimento do primeiro homínido, já passaram pela Terra mais de 100 bilhões de seres humanos. Trata-se, pois, das esferas da Ecologia a de ocorrência

³² Trigueiro (2009).

num plano que extrapola os limites da Terra, ela se projeta como uma esfera totalizante do universo.

A natureza de uma dimensão humana que sobrevive à morte, o espírito, não é questão simples aos humanos. Jung³³ afirmou que a resposta à vida humana não pode ser encontrada dentro dos limites da vida. Seus retornos à vida, conhecidos em algumas culturas como reencarnação, algo mais complexo ainda. Na primeira questão, discute-se se existe vida após a morte. Na segunda, a vida antes da vida. Nas minhas leituras, para minha surpresa, até o filósofo alemão Arthur Schopenhauer acreditava na reencarnação. Escreveu: *mostrar uma ponte entre as duas (existências) seria certamente a solução de um grande enigma*³⁴. Para Amit (2015a), precisamos deslocar o pensamento de que a reencarnação seja um conceito oriental. Destaca que o judaísmo aceitava a ideia de reencarnação, ainda presente entre os hassídicos, e que, até 553 d.C. o cristianismo também trabalhava com a noção da reencarnação, banida no Quinto Concílio Ecumênico, mas mantida ainda pelos gnósticos e outras tradições místicas do cristianismo. Pontua que entre os sufis, ramo esotérico do Islã, também se acredita na reencarnação.

Para Cloves Nunes³⁵, parapsicólogo brasileiro, não foi o espiritismo que apresentou para o mundo a noção da reencarnação. Essa ideia, sustenta, é de um tempo anterior a 4.500 anos antes de Cristo e tratava-se da teoria da transmigração das almas ou das vidas sucessivas. Os fundamentos da crença na reencarnação vem do oriente. Destaca que o Maabárata, maior volume de escrituras sagradas da Índia, trata da reencarnação, apontando que num dos seus capítulos (Bhagavad-Guitá), onde se estabelece o diálogo de Krishna (grande líder

³³ In: Goswami (2015a).

³⁴ Idem

³⁵ Palestra em 2014.

espiritual do oriente, o Cristo dos Hindus) com Arjuna, seu discípulo, todos os fundamentos de Krishna baseia-se na teoria da transmigração das almas ou das vidas sucessivas. Também descreve a doutrina de Buda, indiano que influenciou a Ásia inteira com seus fundamentos, pedagogizou o hinduísmo e fundamentou o budismo, como sustentada na ideia da reencarnação. *O oriente inteiro acredita na reencarnação*, nos esclarece. Ampliando sua análise afirma que o taoísmo, sistema de pensamento baseado nas ideias de Lao Tsé, filósofo indiano, 550 anos antes de Cristo, também tem base reencarnacionista. Descreve que os orientais, no geral, nas suas tradições, são reencarnacionistas. Afirma que 1/3 da população do mundo é reencarnacionista, a exemplo dos esoteristas, os xintoístas, os judeus místicos, os drusos. Sobre o ocidente, mostra-nos que o espiritismo foi a primeira doutrina cristã a admitir o reencarnacionismo como princípio fundamental, ao tempo em que, no cristianismo católico, sobre a reencarnação, existe um grande silêncio e, nas vertentes protestantes, elas a combatem, negam-na. Com as mudanças do mundo, a ideia da reencarnação ganhou o interesse científico. No século XX, diversos grupos começaram a pesquisar e querer provar as evidências científicas da reencarnação. Essa dimensão está sendo estudada hoje pela física, pela biologia, pela psiquiatria, pela psicanálise, psicologia, psicoterapia, entre outros campos do conhecimento. Para Cloves *a reencarnação é a lei da natureza*.

Para estruturas reencarnacionistas, a contabilidade da existência não se processa contando de um diferente de um, mas o um pode ser ele mesmo em outro tempo. Traduzindo: todos tivemos vidas passadas. Por exemplo, para o pensamento espírita kardecista, São Francisco de Assis (1182-1226), maior ecologista que passou pela Terra, foi João Evangelista (10 d.C-103 d.C), o mais amado discípulo de Jesus; o Espírito Emmanuel, mentor do médium Chico Xavier, foi Publius Lentulus (século I), senador romano; o Espírito Joanna de Ângelis, guia do médium brasileiro Divaldo Franco, foi Sor Juana Inés de La Cruz (1651-1695), maior escritora barroca; Joana D'arc (1412-1431),

heroína traída pelos franceses, foi Judas Iscariotes (Século I d.C), discípulo que traiu Cristo; João Batista (2 a.C. – 27 d.C), pregador da vinda de Cristo, foi o Profeta Elias (século IX a.C.), considerado o maior dos profetas; Pitágoras (571 a.C. – 570 a.C), filósofo e matemático grego, foi Euforbo (Século XII a.C.), combatente troiano; Hippolyte-Léon Denizard Rivail (1804-1869), pedagogo francês, codificador do espiritismo, foi o druida Allan Kardec (século I a.C.) (RIVAS, 2014).

Na dimensão espírita, a reencarnação é uma das etapas do processo evolutivo do espírito humano que foi, um dia, parte do reino mineral e vegetal. A condição humana é uma etapa posterior a essas, que almeja a condição angelical de Espírito Puro, para o espiritismo. Para o hinduísmo, budismo e outras religiões reencarnacionistas, podemos voltar em outras formas de vida, animal, vegetal, por exemplo. Segundo Herculano Pires (1987), os egípcios mantiveram-se apegados à zoolatria, como os indianos se mantêm até hoje. Nos rituais indígenas e parte dos rituais de candomblé e umbanda, observamos práticas ligadas à litoratria (pedras), fitolatria (plantas) e zoolatria (animais). Hegel (1999), na sua *Fenomenologia do Espírito*, nomeia a *inocência das religiões das flores que é somente a representação carente-de-si do Si* e a *culpabilidade da religião dos animais*. Seria estranho para Hegel conversar com o povo Kokama que, em seus rituais, falam com os espíritos das plantas e dos animais, achando-os, em alguns casos, superiores aos dos humanos.

Importante destacar, sem julgamento de valor, que essas percepções organizam a vida de muitos habitantes da Terra, conduzem seus comportamentos, potencializam suas intervenções nas relações sistêmicas da natureza. São manifestações da esferosfera, espaço a partir do qual outras formas de inteligências atuam no plano do nosso mundo e alteram nossas existências.

Mas quais evidências a ciência ou outros campos de saberes dispõem sobre a prova da imortalidade da vida? As principais

evidências ancoram-se nas narrativas sobre as Experiências de Quase Morte (EQM), Recordações de Vidas Passadas, dados sobre entidades desencarnadas, rituais mágico-religiosos com uso de substâncias de poder, entre outras provas, também amplamente analisadas pelas ciências.

Sobre lembranças de vidas passadas³⁶, portanto, de momentos reencarnatórios, os dados científicos mais contundentes são os estudos do Dr. Ian Stevenson, psiquiatra da Universidade da Virgínia, que acumulou mais de duas mil dessas memórias com crianças, nas quais o fenômeno é mais forte e mais convincente. Sobre essa experiência, o Dalai Lama³⁷ disse: *é comum crianças pequenas, que são reencarnações, lembrarem-se de objetos e pessoas de suas vidas anteriores. Algumas conseguem até recitar os textos sagrados, embora ainda não os tenham aprendido.* Essas memórias de vidas passadas são importantíssimas para o povo tibetano na escolha dos lamas.

Outro importante pesquisador que trabalhou com lembranças de vidas passadas foi o psiquiatra Stan Grof³⁸, a partir de experiências com o uso do LSD e da respiração holotrópica. Diz ele, sobre as recordações de outras vidas:

Elas são extremamente realistas e autênticas, e costumam mediar acesso a informações precisas sobre períodos históricos, culturas e até eventos históricos que o indivíduo não poderia ter adquirido por meio de canais comuns. Em alguns casos, a precisão dessas lembranças pôde ser constatada objetivamente, às vezes com detalhes impressionantes.

³⁶ O termo vida passada parece-me impróprio. A vida nunca passa.

³⁷ In: Goswami (2015a).

³⁸ Idem.

A percepção induzida pelo uso de substâncias de poder é base, tanto para muitos povos indígenas, como para muitos outros agrupamentos humanos, para os acessos aos conhecimentos invisíveis do mundo, o caminho até o mundo dos espíritos.

Na maioria das vezes, os espíritos, identificados como seres de outra espécie, assumem, cada vez mais, papel misterioso no quadro da natureza (PIRES, 1987). A Ecologia Humana se ocupa de qual Humana Ecologia? Despreza essa percepção da dimensão humana para além da matéria que, fortemente, influencia a humanidade, mesmo sendo pensado como uma inverdade?

A Espiritosfera, a Ecologia do Espírito, não é do campo do sobrenatural. Como afirma Pires (1987), *a revelação de outra face da vida e do mundo, que não é sobrenatural, mas natural, pois também faz parte da natureza.*

No campo jurídico-formal e das políticas públicas, tivemos a estruturação dos espaços de proteção dos patrimônios imateriais. Mas mesmo esse imaterial, no fundo, é material. Chegou o tempo da estruturação de um espaço de proteção do patrimônio sobrenatural da humanidade.

A Física Quântica, a partir de suas revolucionárias experiências, demonstrou que uma partícula, ou seja, algo sólido, comporta-se, no ambiente, sob determinadas experiências, também como onda, não tendo sua localização num espaço físico, mas numa região. Somos impelidos a pensar novas estruturas para a dimensão material além do sólido, do visível, da matéria, do lugar.

Acredita-se que o curso da nossa civilização, em alguma medida, foi determinado por forças externas, invisíveis. Poderíamos pensar que as formas de vida surgem a partir de bactérias vindas de outros lugares do espaço. Sabemos que os gregos eram inspirados pelas musas e,

ocupados por um espírito, adquiriam a capacidade de criar. Aliás, em todo o mundo antigo, as pessoas eram inspiradas de fora para dentro.

Para os hindus, a sabedoria vem pelos sonhos. Assim aconteceu com Hamanuja, matemático indiano para quem uma deusa hindu transmitiu saberes. Hoje, suas fórmulas são usadas por físicos para discutir relatividade e física quântica. Einstein também recebeu a inspiração para a teoria da relatividade num sonho. O químico Dmitri Mendeleev sonhou com a tabela periódica dos elementos químicos, uma das melhores decifrações da alma da natureza. Ele recebeu a tabela completa. Acordou e desenhou todos os elementos. Só recentemente foram acrescentados novos elementos. A partir dos sonhos Freud criou a Psicanálise. Steve Jobs, adepto do budismo, acessava suas inteligências pela meditação profunda. Suas realizações transformaram a configuração do mundo moderno. Destacamos *os sonhos de Descartes, que o convenceram de estar inspirado pelo Espírito da Verdade. Declarou que eles lhe haviam revelado os fundamentos da ciência admirável* (PIRES, 1987).

Abraão, representante da civilização Mesopotâmia; Moisés, ícone do povo egípcio, e Cristo, judeu, acessaram a Mente Suprema e codificaram sentidos profundos para a humanidade. Assim também foi com Maomé, ao falar com o Anjo Gabriel, e Kardec, a partir de suas conversas com o Espírito da Verdade. Em Buda, a manifestação do divino reside na dimensão da própria consciência que nos habita a alma.

Ou seja, é na esferosfera, e não somente na biosfera, que reside grandes percepções dos segredos do universo e lá são acessados. O espírito é a fonte da inteligência humana que a mente pode contatar. Essas evidências demonstram que a verdadeira natureza da mente humana não está no corpo, no cérebro, mas fora dele, na consciência. Nesse aspecto, a essência do espírito não é igual à consciência do espírito (HEGEL, 1999).

As religiões, cuja essência pressupõe a relação das pessoas com o divino e com a imortalidade, qualquer que seja ela, pressupõe a existência do espírito, uma substância além da matéria, ou mesmo, uma matéria em outra substância.

Em 1857, o pedagogo Hippolyte-Léon Denizard Rivail (1804-1869), popularmente conhecido como Allan Kardec, codificou, aos 50 anos de idade, o que seria a ciência que tomou a questão do espírito como algo radical. Percebeu que havia um mundo espiritual governado por inteligências invisíveis. Usando o método científico, escutou os espíritos. Escreveu e codificou a doutrina espírita. No seu país, França, não teve tanta repercussão, mas em todo o mundo cresce o número de adeptos do espiritismo, situado por ele mais no campo das ciências e da filosofia do que das religiões. Hoje, o Brasil é o país com o maior número de espíritas do mundo.

Sobre o fenômeno do Espírito, Levinas (2012) o situa como *inspiração ou profecia*. Diz: *profecia que não é um feliz acaso do espírito, uma genialidade, mas sua própria espiritualidade*. Com sua serenidade, versa tratar-se da *possibilidade impossível*. Acrescenta: *ou milagre, o mais recôndito, do existir humano, e, talvez, a própria maneira pela qual o espírito penetra a natureza*.

A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Quando algo for extraordinário, acredite.

Saint-Exupéry

Místico é aquele que comunga com o mistério.

Boff

O que é o humano? Matéria e Espírito? Qual a natureza da humanidade? Enraíza-se à Terra ou é parte de uma civilização cósmica? Se, para algumas ciências, essas são questões passíveis

de dúvidas e negações, para as religiões e outras epistemologias do conhecimento, as experiências no campo dos espíritos são questões fundamentais, como supomos, um fundamento.

A desmaterialização e materialização, como acontece no mundo atômico, pelos princípios clássicos da lógica física, não parecia algo possível. Para concebermos o mundo tal como matéria, é preciso que, além dos corpos, vejamos os seus caminhos, seus modos de organização e desorganização. Ver para crer. Mas quantos fenômenos concretos da Natureza se dão em dimensões que não as vemos?

O invisível é parte do visível, uma das potencialidades do visível; por vezes, está fora do espaço-tempo, cuja pele tem uma estrutura sonora. Tudo está ligado no universo (teoria dos sistemas), as coisas daqui com as coisas dos mundos infinitos, invisíveis.

Daniel Kaltenbah³⁹ (2013), falando sobre Física Quântica e Espiritualidade, afirma que o físico é o efeito de uma causa, consequência do campo, e não a causa em si. Ao questionar sobre o que significa a massa com frequência zero (0), diz que significa que você tem um corpo, mas, como não tem frequência, você não vê, ela não aparece, ela não se sensibiliza. O campo que liga o universo inteiro sem frequência não tem massa. A massa é zero (0). O corpo existe, o campo existe, mas você não vê, porque a frequência é zero (0). A partir da frequência um (1), a massa se manifesta, analisa.

Sabemos que a massa é energia. As massas podem estar em outras dimensões, em frequências diferentes da que estamos vendo, condensada, mais sólida. Espírito e matéria são mesmo energias e, segundo os campos interpretativos de Daniel Kaltenbah, só muda

³⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z5oCWAIEk04>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

a forma de vibrar e, eventualmente, a frequência. Embora sempre descritos como imateriais, os espíritos são seres materiais, numa frequência diferente da nossa. Têm a mesma matéria⁴⁰, a mesma consciência, e fazem parte do mesmo campo que nós. A biosfera está dentro da espiritosfera, que comporta as existências em todos os tipos de frequências.

A Física tem demonstrado que objetos quânticos relacionados transcendem a dimensão tempo e espaço. Experimenta um não lugar, um estado de transcendência. Esse é o espaço concreto da espiritosfera, onde habitam os seres que são, na sua condição, também, uma propriedade fundamental da constituição do universo.

Para Daniel, o campo é Deus, de onde tudo surgiu. Todos somos consciências do mesmo Campo, diz. Todos estamos ligados no Campo. Tudo que existe na Natureza, incluindo nós, é o Campo. Qualquer parte afetada desse complexo, belo e infinito sistema nos afeta como essência. Einstein, intrigado com os caminhos ocultos da matéria e, permanentemente, encantado com o mistério, descobriu a teoria do campo e, com isso, revelou uma das faces de Deus.

Quanto menos frequência, maior a onda. Quanto mais frequência, menor a onda. A meditação, a oração, a paz fazem aumentar as nossas ondas cerebrais, expandem nossa consciência. Expandindo-se os nossos estados de consciência, podemos conhecer lugares extracorporais, acessar dimensões da espiritosfera. Aqui, como afirma Herculano Pires (1986):

A humanidade deixa de ser uma espécie para se transformar num devir. O homem se encontra como

⁴⁰ Retornamos à clássica reflexão de que é a função que cria o órgão. Mas o que cria a função? Certamente a consciência, a Grande Consciência, que está antes da função. Trata-se de uma espécie de fôrma que faz a forma, todas as formas do universo.

uma forma passageira do Espírito. O Homem e o mundo é, portanto, um espírito em evolução. A humanidade múltipla, de natureza cósmica, habitando dimensões desconhecidas, já não parece mais utopia ou uma simples alucinação. Não há milagres nem ações mágicas na Natureza, onde a vontade de Deus se cumpre através dos Espíritos.

Certamente, a esferosfera, *algo mais real que a realidade*⁴¹, seja a dimensão negada pelos existencialistas, materialistas, deterministas, mecanicistas, racionalistas, positivistas, ateístas e, medianamente, pelos agnósticos. Para perceber essa dimensão, é preciso crer que a consciência existe antes da matéria e que é a consciência que cria o universo, algo que está fora dos limites do tempo e do espaço. Os seres que habitam a esferosfera moram num não lugar, como os objetos quânticos que não têm local, como a consciência que usa o corpo como um espaço temporário. Olhemos para os universos múltiplos, para os mundos paralelos. É possível estar morto num desses lugares e vivo em outro, supõe a Cabala, e não existem leis na Física que proíbam a existência desse fenômeno.

O Espírito, na sua gênese, é, antes, simples e ignorante, sem ciência, como crianças, conforme a questão 115, de O Livro dos Espíritos (KARDEC, 2007), fazendo uso da alma, do perispírito, chega ao corpo e, a partir dessa magia, experimenta sua existência na Terra, molda-a com seus passos, e, conforme a proposição divina, almeja a condição sublime de Espírito Puro. Eis o fundamento da **Ecologia da Imortalidade**: a análise da força dos espíritos nos ecossistemas da Terra, do Universo, na Esferosfera.

O ambiente (o Universo que é Espírito) influencia o comportamento humano, modifica o humano. O humano, seu espírito, também influencia o Universo. As Ecologias se configuram como um diálogo entre espíritos.

⁴¹ Análise de Caetano Veloso, ao falar de sua experiência com o Daime

Mais da metade da população humana viva do Planeta, de alguma forma, fora tocada por algo da manifestação do espírito. Sabem, sei, que seu percurso na Terra busca um aprimoramento, consciente ou inconsciente, como uma pedra preciosa que, lapidada, manifestará, um dia, sua luz, seu brilho. O Universo, suas leis, é a chave para cada um dos espíritos que se encontram en-carnados. É também para os espíritos da Natureza e tantos outros que se encontram no plano espiritual. O Universo, a Natureza, serve sempre aos dois reinos: da matéria e do espírito. Entretanto, as narrativas sobre os fenômenos da vida, da experiência humana, limitam-se aos calcificados domínios da ecologia da matéria.

Pelo campo da Ecologia do Espírito, observamos que as chagas da Terra, as dores da humanidade, são a manifestação da dramática materialização de anos de evolução, ainda carecendo de urgências divinas na direção do seu aprimoramento. Uma caminhada de milênios traduzida em instantes de infelicidades existenciais.

Para uns, Deus mora fora da Natureza. *Deus não é natureza* (PIRES, 1987). Nesse fora não se toca, não se acessa, não se experimenta. Para outros, *Tudo é Deus. Espinosa foi o sistematizador filosófico dessa concepção* (PIRES, 1987). Deus é, mora na Natureza, com a qual se têm contato, interconectam-se. Se pensarmos também os humanos como Natureza, somos uma das casas naturais onde Deus mora, habitando nossa essência pelo espírito, pela alma e pelo corpo. *Deus é o mistério que nos habita*.

Sobre essa questão, não interessa o vazio, mas o esvaziamento. Não daremos conta da percepção da plenitude da nossa condição humana, porém, não podemos permanecer na razidão da leitura sobre nosso próprio fenômeno, que inclui a dimensão do espírito, quer ele exista ou não. Se o vazio permanece quando voltamos às

questões *quem somos, de onde viemos, onde estamos e para onde vamos*, é preciso esvaziar-se de seus efeitos de nada, de sem sentido. Nosso espírito é como a magia da presença das estrelas, como escreve o nosso poeta Mario Quintana:

Se as estrelas são intangíveis
Isso não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas

BIBLIOGRAFIA

ALOISIO, Sandro. **Uma Breve História de Religiões de Fé.** São Paulo: Escala, 2015.

ALPER, Matthew. **A Parte Divina do Cérebro: Uma Interpretação Científica de Deus e da Espiritualidade.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

ALVES, Rubem. **Perguntaram-me se Acredito em Deus.** São Paulo: Planeta, 2013.

ARGOLO, Djalma. **Jung e a Mediunidade.** Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2004.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

BORGES, João José. **Árvores e Budas: Alternativas do Misticismo Ecológico e suas Teias Políticas.** Simões Filho-BA: Kalango, 2015.

CAMPOS, Pedro de. Alfred Russel Wallace: O Último dos Grandes Vitorianos. **Revista Espiritismo**, n. 14, 2016.

CHOPRA, Deepak. **O Futuro de Deus.** São Paulo: Planeta, 2015.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Editora Escala, 2009.

DAWKINS, Richard. **Deus, um Delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EINSTEIN, Albert. **Como Vejo o Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão** (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. **O Mal-estar na Civilização** (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Leonardo Da Vinci e uma Lembrança de sua Infância** (1910). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GOSWAMI, Amit. **A Física da Alma**. São Paulo: Goya, 2015a.

_____. **Deus não está Morto**. São Paulo: Goya, 2015b.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

KANT, Immanuel. **Prolegômenos: A Toda Metafísica Futura que Possa Apresentar-se como Ciência**. São Paulo: Nacional, 1959.

_____. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Abril Cultura, 1980.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

LACAN, Jacques. **O Triunfo da Religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

_____. **Novas Interpretações Talmúdic**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LUZ, Karla Daniela de Sá Maciel. **Freud: A Favor da Religião. Como Assim?** Curitiba: Prismas, 2014.

MARQUES, Juracy. **Ecologia do Corpo: Ecos da Alma**. Paulo Afonso: Editora SABEH, 2015.

_____. **Ecologia da Alma**. Petrolina: Franciscana, 2012.

MARQUES, J.; NOVAES, J. **Candomblé e Umbanda no Sertão: Cartografia Social dos Terreiros de Petrolina/PE e Juazeiro/BA**. 1. ed. Paulo Afonso: SABEH, 2015.

MILLER, Jacques-Alain. **Religion, Psychanalyse**. La Cause Freudienne, 55, 2003.

MORIN, Edgar. **Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Método 5: A Humanidade da Humanidade – A**

Identidade Humana. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NAÇÕES UNIDAS. **Desarrollo sostenible de las regiones montañosas.** Asamblea General.A/RES/66/294. 11 de agosto de 2011. Disponível em: <www.yachaywasi-ngo.org/SG_MTN11s.pdf>. Acesso em: 07 out. 2011.

NOVAES, Adenáuer. **Psicologia do Espírito.** Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2004.

PIRES, J. Herculano. **O Espírito e o Tempo: Introdução Antropológica ao Espiritismo.** São Paulo: Edicel, 1987.

PIRES, Iva Miranda. **Ética e Prática da Ecologia Humana: Questões Introdutórias sobre Ecologia Humana e a Emergência dos Riscos Ambientais.** Lisboa: APENAS, 2011.

RIVAS, Luiz Hu. **Reencarnação Fácil.** São Paulo: Boa Nova Editora, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens.** São Paulo: Ática, 1989.

TRIGUEIRO, André. **Espiritismo e Ecologia.** Rio de Janeiro: FEB, 2009.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Sociologie de la Religion.** Paris: Flammarion, 2006.

**A religião é uma
verdade que exclui
outra verdade.**

Há sistemas que governam os ventos, as folhas, a mente. São sistemas invisíveis. São espíritos. Espíritos são inteligências invisíveis. São estruturas e sistemas que governam o tempo e o espaço.



SABEH

Sociedade Brasileira
de Ecologia Humana